

...AOS ESPANHÓIS CONFINANTES

Roteiro de
Ângelo Clemente Sganzerla

Todos os direitos são do autor Ângelo Clemente Sganzerla	Rua Pedro Vieira Vidal, 128/401 angeloclemente@click21.com.br 88040—10 – Florianópolis – SC
---	---

SUMÁRIO DE CENAS

SINOPSE

CENA 7.1 - RIO URUGUAI

CENA 8.0 - IRAÍ

CENA 8.2.3 - MONDAÍ

CENA 8.3.2 - CAVALGALDA NO PICADÃO/MATA

CENA 9.7.2 - DIONISIO CERQUEIRA

CENA 10 - CAVALGADA NO PICADÃO

CENA 13 - PRAÇA XV

CENA 15 - ESTAÇÃO FÉRREA

CENA - EPILOGO NA PRAÇA XV

SINOPSE

AOS ESPANHOIS CONFINANTES

O ano é de 1929. Uma comitiva do alto escalão governamental resolve realizar uma viagem ao extremo oeste catarinense para desbravar e tomar posse do território mais contestado da federação brasileira. O oeste catarinense é um mata selva acessível somente pelo Rio Uruguai..

O alto escalão governamental parte de Florianópolis com destino ao extremo Oeste catarinense. Partem de automóvel em direção ao norte até o grande município de São Francisco , hoje Joinville, onde a meia noite partem por via férrea em direção ao oeste catarinense pela estrada Ferroviária Santa Catarina até o município de Porto União. Em Porto União a composição especial parte ao Sul pela Estrada de Ferro São Rio Grande até o município de Herval do Oeste. Em Herval do Oeste partem novamente de automóvel em direção ao oeste até a cidade de Passo Bormann, hoje Chapecó, onde são recebidos por 900 cavaleiros. De Passo Bormann a comitiva se dirige até a localidade de Goi-en, uma praia no Rio Uruguai.

O filme “ Aos Espanhóis Confinantes inicia o filme na praia do majestoso Rio Uruguai com as águas revoltosas escorrem em direção ao oeste para desaguar no Mar Del Plata. Nessa viagem o Rio Uruguai será oficialmente reconhecido como o marco natural das divisas entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

“Espanhóis Confinantes” é o primeiro e ultimo wester da conquista da selva catarinense.

Os excursionista embarcam em 3 lanchas e descem as perigosas corredeiras do Rio Uruguai para se encontrarem com o Presidente do Rio Grande do Sul, Getulio Vargas na cidade de Irai, onde firmam uma série de convênio.

Os excursionistas navegam pelo rio Uruguai mais de 200 quilômetros em direção a Argentina até a cidade de Porto Feliz, hoje Mondai. Porto Feliz é uma cidade no meio da selva catarinense com a mais alta tecnologia da época.

“O elemento immigratorio germanico não é representado pelo “rebutalho das grandes cidades da Europa”, como muitas vezes acontece. Longe disso. Aquelles immigrantes são, em grande numero, de alto nível social allemão, levados para ali pelo vendaval da ultima guerra. Em Mondahy se encontram muitos officiaes da armada e do exercito da Allemanha imperial, dentre elles o commandante e o artilheiro do submarino que torpedeou o Luzitania, engenheiros, chimicos, professores. Mondahy tem illuminação electrica, hoteis, clubs, salões de baile, boas casas.”¹

Após uma semana de festa em Monday e com a chegada dos animais os excursionista partem do extremo sudoeste ao extremo noroeste do território catarinense, seguindo um carreiro ou picadão do telegrafo com 1,5 metro de largura por 150 km de comprimento, seguindo o fio do telegrafo no lombo de burros, cavalos, a pé para chegarem a tríplice fronteira, Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Barraco (ARG), viagem essa que durou 18 dias pela selva catarinense rodeados de grandes arvores como araucárias, embuias, cedro, erva mate. Enfrentaram os ataques de plantas espinhosas, insetos e até animais selvagens (onças). Inúmeras cruces de infelizes que tombaram ao longo do picadão que também foi utilizada pela Coluna de Carlos Prestes onde morreram inúmeros animais de tifo e também resultado dos embates com o Exército Brasileiro.

Essa mortandade, no ano de 1925, acabou gerando uma epidemia do bacilo do tifo que contaminou as águas do Rio das Antas que abastecia a população de Mondai, ocasionando uma grande mortandade de mais de 80 por cento da população da cidade.

Após passarem por Descanso e Separação, cidades originadas pela coluna Prestes, finalmente os excursionistas chegaram no extremo oeste do estado de Santa Catarina, na cidade de Dionísio Cerqueira, onde constitui a tríplice fronteira, divisa por uma rua entre os Estado de Santa Catarina, Paraná e com a Argentina.

Em Dionísio Cerqueira a brasilidade inexistente na população pois os serviços públicos são prestados unicamente pelo Argentina. Desde o registro de nascimentos, registro civil, óbitos, serviço militar e até os de escrituras publicas de terras

¹ Ferreira da Costa, Arthur: Visões de Um Excursionista Ao Oeste Catarinense.

brasileiras são realizados nos cartórios da Argentina. Nessa trílice fronteira só existe um País para os brasileiros, à Argentina.

Em Dioniso Cerqueira inicia o retorno para o leste. O retorno segue em lombo de burros pelos picadões e floresta adentro enfrentado os perigos da selva catarinense novamente.

Na cidade de Clevelândia os Excursionista e o Presidente do Estado de Santa Catarina são procurados pelo Cacique com uma tribo de 200 índios Guaranis(Catarinenses) pintados para guerrear contra os colonos que se apossaram de suas reservas no grande Chapecó.

Seguindo em direção ao leste a comitiva em exaustão extrema chega em Pato Branco onde são surpreendidos “pela volta a civilização”, onde surgem os automóveis com seus granichos. A viagem segue agora de automóvel .

Em confortáveis automóveis a comitiva segue a toda velocidade para a civilização, avançando as léguas e léguas em poucas horas quando na localidade de São João, na Serra de Papuã ocorre um gravíssimo acidente automobilístico com o veículo que conduzia o Presidente do Estado de Santa Catarina.

A morte está presente na civilização e não selva.

Após medidas médicas tomadas com os acidentados e com o Presidente de Santa Catarina sendo transportados para Porto União e enfermos no vagão presidencial da composição férrea, partem pela estrada férrea São Catarina em direção a São Francisco do Sul, litoral catarinense.

A comitiva chega em Florianópolis e eclode a Revolução dos Gaúchos, ou revolução de 1930, desfechado pelo Presidente do Estado do Rio Grande do Sul Sr. Getúlio Vargas. Santa Catarina se opõe a revolução e todos os excursionistas são presos.

EPÍLOGO

UM ANO E 5 MESES DEPOIS DA VIAGEM DOS EXCURSIONISTAS, EM 03 DE OUTUBRO DE 1930, GETÚLIO VARGAS PROMOVE O GOLPE DE ESTADO - REVOLUÇÃO DE 1930.

SANTA CATARINA RESISTE AO GOLPE, SENDO O PENÚLTIMO ESTADO A SE RENDER À REVOLUÇÃO DE VARGAS.

OS EXCURSIONISTAS SÃO TODOS PRESOS E EXILADOS EM 1930, E NOVAMENTE EM 1933, PELA DITADURA VARGAS.

O ditador Getúlio Vargas promove um grande isolamento na região do oeste catarinense.

Em 1942 cria sobre o solo catarinense o Território do Iguçu, dividindo o estado em duas partes, justamente na região em que se encontrara com os excursionistas, extirpando a tão sonhada integração entre os litorâneos e os oestinos catarinenses.

Mas a viagem dos excursionistas “Aos Espanhóis Confinantes” trouxe uma grande certeza:
De que eles eram brasileiros.

A viagem também semeou um grande sonho:
De lutar contra o confinamento que durou até o ano de 1952, quando conseguiram extinguir o Território do Iguçu, e se reintegrarem ao que sempre sonharam e eram. Catarinenses.

FIM

CENA 7.1 - RIO URUGUAI

...AOS ESPANHÓIS CONFINANTES

FADE IN

Cena 7.1.- /Rio Uruguai/de Goio-en a Mondáí/ Dia/Ext.

Dia amanhecendo, aves diversas, passarinhos cantando, um galo bem poderoso com seu cocoricar matinal numa Profundidade Campo em Terceiro Plano, longe.

Em Plano Geral, câmara fixa, enquadra o horizonte com a floresta. Em Pan vertical para baixo enquadra a floresta a margem do Rio Uruguai, ao som composto pela fauna das penas e plumas. (belo figurino!).

Em Segundo Campo do PG uma pequena praia do Rio Uruguai com as três lanchas ao balanço das ondas sobre a areia grossa da praia, pacientes, à esperar o dia clarear.

O som de um motor (automóvel em movimento) se aproxima de longe com o volume distante e gradativamente crescente.

Câmera na praia - focando a floresta da outra margem do rio - que gira em 180 graus, com efeito de distorção da imagem pela velocidade da pan. Agora está no lado oposto do Rio. Plano Geral da praia pára a estrada e horizonte: Entra em Terceiro Plano um calhambeque que para paralelamente ao leito do rio. Desce do automóvel um homem solitário (Othon). Em Plano Geral, Othon, cabisbaixo, cambaleando um pouco de sono e com a mão segurando a aba do chapéu se dirige em direção ao rio (e câmara), enquanto, ao fundo, o calhambeque arranca (som do automóvel em partida), saindo do enquadramento da câmara. Silêncio total.

Os pássaros começam novamente piar e, ao levantar a cabeça para ouvir os pássaros, Othon mostra o rosto para a câmara (Plano Geral em Segundo Campo) que acompanha Othon caminhando para sentar sobre uma pedra, ou tronco, na praia.

Othon termina de contemplar o horizonte e baixa a sua cabeça e esconde o rosto com a aba do seu chapéu de guarda florestal canadense. Começa a movimentar um dos braços com certa lentidão revirando um dos seus bolsos. Tira a mão direita do bolso segurando (Close da mão saindo do bolso) um lápis pela metade e o leva à boca (Close boca lapis) para molhar a ponta do grafite. Na mão esquerda um caderninho. Corta.

A câmara muda de Plano, para as costas de Othon que abaixa a mão direita e começa a escrever suas anotações sobre um bloquinho pequeno com espiral (como esses de apontamento do jogo do bicho). A câmara em PAN Vertical desce para enquadrar Othon escrevendo no bloquinho abrindo o zoom com o Rio Uruguai em Terceiro Campo à frente.

... Othon D'Eça começa a descrever a 1ª frase sobre a viagem na tela de projeção...

Começo hoje minhas anotações dessa viagem, magnífico momento esse.

Othon em off

Passo Bormann, 24 de abril de 1929, sob o rumor farfalhante das bandeiras, com arcos de flores e folhagens sombreando a sua rua principal, um céu azul e muito luminoso, e, em torno, uma bela mataria a que o outono já vai tocando de manchas amarelas

Passo Bormann me lembrou um grande quadro à espátula, à maneira de Zuloaga, batido a tintas vivas e brilhantes.....

Dominado por um ar festivo, a vilazinha tinha a beleza que fascinava e prendia. Com um sabor novo de uvaia, de resina de pinheiro e de chimarrão.

Habituei-me a esses vilarejos cor de barro, tranqüilos e românticos, aninhados em torno de uma velha capela...

Close do relógio de bolso :9 horas, Goio-En.

Mas tudo é belo.

Aliás, desde Passo Bormann que o panorama se desnuda numa revelação maravilhosa de belezas.

As lanchas à gasolina – três, sendo que uma é esguia como um peixe-espada – estão encalhadas no cascalho barulhento, paciente à espera.

Sob o Sol que acende luminárias na ponta das folhas e nas macegas orvalhadas, o rio desliza numa doce preguiça de águas satisfeitas.

Cena 7.2 – 1ªPraia No Rio Uruguai/Dia/Amanhecendo./Grande Plano Continuo

Take de luzes transpassando as folhas das árvores, facho de luzes a iluminar o dia. Reflexo em Cross-Screen da luz refletindo sobre o espelho natural de água do Rio Uruguai.

Cena 7.2/ 1ª Praia No Rio Uruguai/Dia/Amanhecendo/ Grande Plano Continuo

Take de luzes transpassando as folhas das árvores, facho de luzes a iluminar o dia. Reflexo em Cross-Screen da luz refletindo sobre o espelho natural de água do Rio Uruguai.

Inserte de áudio – Som em off do pensamento de OTHON com quadros de Zuloaga.

Othon em off

E da outra margem, dentre a mata crespa e iluminada, vem o chiar resinoso de cigarras retardatárias.

Quando as cigarras emudecem, do lado em que nos encontramos, começa os chopins a sua grulhada jovial.

Será que eles estão em desafio?

Close do relógio de bolso 10 horas.

Chegaram os automóveis que se haviam demorado. O Presidente, que olhava continuamente, impacientemente o seu relógio de pulso, ficou satisfeito.

É que amanhã, 25, devemos estar em Irai com o Presidente do Rio Grande do Sul, Getulio Vargas.

E há muito rio a beber, ainda!

Insere de áudio 1.19 – Som em off de diversas pessoas conversando em 3 Campo

Todos falam. Tanto barulho acabou por espantar os chopins. Também as cigarras se calaram. Só um remoto cincerro, não sei onde, pinga uns sons abafados na luz.

O que Othon escreve ele narra em off ou é escrito na tela com **imagens em fusões, sobre-exposição**, imagens diversas das filmagens deste local; das lanchas a gasolina rufando os motores, os demais automóveis parando acima da praia com a comitiva desembarcando, o carregamento das lanchas, o pessoal passando por ele sentado na pedra a escrever, enfim um grande movimento junto a um homem em total isolamento, em contemplação e registro de suas memórias...

Seqüência 7.3/Rio Uruguai/Lanchas Navegando No Rio Uruguai/Águas Profundas

PP das hélices a girar das lanchas partindo da praia do Rio Uruguai – dia amanhecendo

Enfim, as lanchas começaram a girar as suas hélices de metal amarelo.

Insere de áudio 1.20 – Som dos motores a rufar e da banda a tocar – Terceiro Campo e Othon falando em Off.

A “Bandeira” iniciou a sua “entrada” no sertão bruto, sob um signo propício.

OTHON

Vamos, é certo, para o desconhecido, rolando rio abaixo.

De resto, estamos todos alegres.

É que temos um guia amigo e destemeroso, forte como um pinheiro...

Há perigos? Há desconfortos? Há escolhos a vencer?

Que importa?

A única exclamação, o grito digno de nós é este: - Avante! Avante! Deus o quer!

Seqüência 7.4/Rio Uruguai/Lanchas Navegando/Corredeiras/ Dia/ Manhã/Ext.

takes do timoneiro em sua cana de leme capitaneando a lancha.

Othon em off

O timoneiro – um caboclo destorcido que se chama Areias avisou-nos que dentro de alguns instantes vamos passar a primeira corredeira.

Areias

Corredeira, corredeira!

Seqüência 7.5 – Rio Uruguai/Lanchas Navegando / Corredeiras/ Amanhecendo/Ext;

Manobrando a lancha sobre a violência da corredeira em manobras frenéticas do Almirante Areias e seu ajudante, (contra-mestre). Areias larga a cana do leme, o motor pára de rufar, morre.

Um arrastar de casco sobre as pedras que nos magoa os ouvidos. Mas Areias e o companheiro com uma grande vara de arrimo – gestos e corajosos pulam n'água e à força de ombros, num retesamento de músculos que os verga, intumesce-lhes as veias do pescoço e dilata-lhes os olhos, reconduzem a lanchinha ao minúsculo canal entre as pedras; e antes das águas fundas”, com uma agilidade de felinos, sobem a embarcação e, novamente, cada qual retorna aos seus postos, encharcados e satisfeitos da proeza.

Seqüência 7.5/Rio Uruguai/Lanchas Navegando/Corredeiras/Dia

Sons de pedras a roçar o casco das lanchas com Closes dos sapatos de Othon assustado levantando-os do assoalho da lancha.

Areia, embarcado e novamente na popa e no comando da cana do leme como Almirante do Rio Uruguai, dá partida no motor. Areias, com infinita naturalidade, conta um causo:

PM de Areias iniciando a sua estória e (Close) dos Excursionistas ouvindo.

Areias

Era uma família de negros. Quando a canoa passou nessa corredeira virou.

Morreram todos, chupados por aquelas águas que redemoinham em funil. Até dizem que eles aparecem em noites de neblina, todos nus e de archotes acesos.

Pm médios dos Excursionistas respondendo à estória de Areias

JB

Feia história, feia historia, hein Areias! Murmura o Desembargador José Boiteux – Feia história!

Othon

Feia história Areias!

Em off (murmurei eu,acompanhando o vôo raso de dois biguás preto, que acabaram por pousar numa ponta de pau).

PP de Othon a murmurar e um PG de biguás preto pousando em um pau fincado sobre o rio.

Areias em off

Há! Esses branquelos não sabem o que é um conto ou a poesia dos sertanejos, nossas vidas!... Que esse causo é uma maneira de reverenciar aqueles que se foram sem sepultura...

Uma família de anjos negros, nus, segurando lampiões passam voando como anjos na parte superior da tela (pendurados em cabos).

Seqüência 7.6/Rio Uruguai/Lanchas Navegando/Águas Profundas/Dia.

Plano Americano de Othon novamente escrevendo na lancha ou pensando em voz alta em off:

Insere de áudio 1.21 – Som dos motores em 3 campo.
Othon falando em Off.

Conheci e com que emoção um velho ditado no Amazonas:

“ Todos os cachoeiristas vão para o céu, pois eles já passaram pelo purgatório”.
Uma falsa manobra, um descuido e é o naufrágio com todas as suas conseqüências dolorosas e tristes.

Seqüência 7.6.1/Rio Uruguai/Lanchas Navegando/Águas Profundas/Dia – back projection

Plano Médio com Othon pensando em off:

Navegamos em águas fundas indo ao encontro ao Presidente Getulio Vargas para darmos um novo mundo a este sertão, esta selva.

Navegamos sempre para atracamos em outra praia! Destino

Seqüência 7.6.2/Rio Uruguai/2ª Praia/Anoitecendo/Back projection estudio

Plano Geral somente da proa da lancha atracando na praia e os excursionistas entrando no quadro, como num ambiente desconhecido e estranho, tímidos e lentos.

Pp – Othon olha para o sol quase se pondo e caminha rápido a se acomodar em uma arvore.

Pm de areias caminhando em direção a Othon e sentando ao seu lado com um graveto na boca; começa a enrolar um cigarro de palha. Ambos recostados no tronco da árvore.

Pg - othon escrevendo acomodado na árvore.

Plano Geral de othon encostado em uma árvore escrevendo. Final de tarde já anoitecendo. A cena escurece rapidamente, como se o dia findasse.

Seqüência 7.7/Rio Uruguai/2ª Praia/ Anoitecendo/back projection - Estudio

Close de relógio de bolso (sempre diferente) em mãos de Othon – 19hs

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

Othon: - Confere as horas no relógio de bolso, 19 horas.

Othon falando em off

Agora estamos como Robinsons Cruzoos, sem barraca, sem churrasco, condenados a passar toda uma longa noite de frio em torno de uma fogueira!

Sou forçado a interromper minhas notas por falta de luz .

PGC de movimentação e providencias para arrumar um encosto ou cama de campanha para dormir. Muitos arrumam suas camas em torno da fogueira, estendendo os pelegos como camas.

PM de Othon deitado, sonhando em voz alta (off):

Othon pensando em off:

Eu já arrumei meus pelegos na popa da lanchinha. Único alimento que encontramos nessas paragens foi uns roletes de cana. Felizmente o tempo está magnífico....

- GP de um céu estrelado, cometas e estrelas cadentes passando e todos os astros possíveis e impossíveis em fusão com othon adormecendo e a fogueira morrendo, simbolizando madrugada adentro com o passar das horas.

Close do rosto de Othon de madrugada, bem sonolento

Sonolento reconheci o vozeirão do Cid, praguejando com solenidade. Sinto uma fome louca.

Readormeço ouvindo alguém falar em revólver, em jacarés, tigres, tigreto, onças, e adormeço.

Close do relógio de bolso de Othon (relógios de bolsos diferentes) desfile de coleção.

5h:30 min da madrugada. Torno a despertar. O Desembargador José Boiteux, junto ao fogo contínua os episódios da política do Império.

Seqüência 7.8/Rio Uruguai/2ª Praia/Dia/Neblina Espessa/ Plano Contínuo – back projection -estúdio

Vozes do JB narrando noticias do Império.

Acordo envolto em uma grande neblina, não enxergo nada, é de manhã...

Praia Deserta no Rio Uruguai – próximo a Caxambu - Dia 25 de abril de 1929 - amanhecendo

Plano Contínuo em PM de Othon que levanta e fica sentado em sua cama, feita na popa da lancha. Tudo está branco ao seu redor. Othon e o barco balançam sob a vontade das ondas do Rio Uruguai. Othon tenta enxergar o chão ou o rio e nada vê. Tudo branco. Muita neblina espessa.

Voz de Othon falando em voz alta para todos ouvirem:

Othon
Cerração baixa, sol que racha” é a sabedoria do povo. Ainda nos valha isso, pior seria se chovesse.

Grande Plano Contínuo com a câmera em movimento, andando conforme descrição.

Takes dos excursionistas andando na bruma embaciada, prudentemente, à procura do rio, cada qual com sua toalha e a sua saboneteira, escovas as mãos, porque não se enxerga nada à frente do nariz .

PM – tudo branco. Othon desembarca da lancha e se agacha, para tatear o chão e achar a margem do rio. Também acha bem ao seu lado uma moita, que lhe serve de divã, colocando sobre ela seu livreto de notas, caneca, escova, pasta de dente e toalha. Começa a lavar o rosto e escovar os dentes junto ao grande Rio Uruguai.

Othon fala em voz alta:
Nunca vi neblina tão espessa e tão úmida!
Deve ser assim o fog londrino.

Tudo branco. Começamos a ouvir só a voz do Presidente que também começa a conversar ao fundo com o som em fora do quadro

Presidente
Mas que noite mal dormida. O é a trombeta de Jericó que não consentia a ninguém dormir. A noite inteira ou era Cid Gonzaga parecendo a trombeta de Jericó ou o Desembargador Boiteux com a sua dissertação histórica sobre a política do Império e os fuzilamentos em Desterro de Floriano Peixoto.

Onde está a margem desse imenso rio que não vejo.

Othon
Aqui Presidente, se utilize da minha voz para achar a margem do Rio.

PM do Presidente entra em quadro junto ao Othon, para lavar-se, agacha-se e se escora com o ombro junto ao Othon. Tudo branco ao redor.

Presidente
São 6 horas, e ainda uma cortina de névoa esconde o rio e céu. Isso torna muito maior nosso isolamento.

Othon
Além disso, Presidente, sinto frio e fome. Nem ao menos um café quentinho! E pensar que nossos mantimentos esperam-nos desde ontem na lancha que já

chegou lá na ilha Redonda!
Lembro de haver visto um grande queijo, presunto, salsichas e um pão-de-ló!

PP - Othon estende a mão para pegar o livreto

Nossa! Meu bloco de notas esta todo umedecida! Orvalhado!.

PM - Othon e Presidente ainda estão acorados na praia do rio conversando. A partir do momento em que eles levantam, passamos a diminuir a fumaça para surgir um pouco de takes ou flash da paisagem,o cenário.

PG - José Boiteux (ou outro qualquer) se aproxima de Othon e do Presidente no exato momento em que ambos estão levantando para ficar em pé.

José Boiteux
Dr. Othon, Só chimarrão e, assim mesmo, muito medido, muito bem racionado!
Para enganar a fome! Não vás tu morrer com a cuia na mão, Othon!

PP – A cuia de chimarrão sendo cheia de água quente e passando de mão em mão fazendo a roda do mate.

Othon
Só em pensar naquele caixote de comida, me enteneço. É melhor eu ir arranjar uns roletos de cana, que tem sido a nossa alimentação nesta praia solitária.

PP - Othon sai do quadro e a câmera, com o dispersar da neblina, enquadra a proa dos barcos encalhados na praia, com o Rio Uruguai ao fundo, ainda com bastante nevoa da neblina.

Close de outro relógio de bolso 8 horas.

GPC -. O sol começa a esfarrapar a neblina. Já se vêem ramos de árvores e, ao fundo, como uma turquesa, um retalho de céu.

A Câmera em PGC no rio Uruguai, em segundo campo somente a ponta da proa dos barcos e no resto do quadro toda a movimentação e os preparativos para a partida. A neblina vai se dissolvendo. Othon volta para o enquadramento.

Esta cena terá um Grande Plano Contínuo, com movimentação e atores entrando e saindo do enquadramento da câmera num vai e vem frenético dos carregadores carregando o barco.

Back projection com foto da praia

GPC - Os demais excursionistas e ajudantes começam a carregar o barco.

GPC de Othon voltando ao enquadramento com uns roletos de cana na boca, olha para o céu e para o Rio Uruguai e exclama:

Othon

Que beleza! O Uruguai é um grande manto azul, picado de vidrilhos de prata!
Os ingleses diriam : Glorious day! Dia Glorioso.

GPC de JB entrando no enquadramento, para ao lado de Othon, coloca a mão em suas costas e diz:

JB

Estamos partindo !

GPC - Nesse momento o Presidente entra em enquadramento, passa por ambos e embarca na lancha (saindo do quadro). JB segue PRESIDENTE e também sai do quadro embarcando.

GPC – Othon no mesmo caminho do PRESIDENTE e JB e embarca na lancha (saindo quadro).

GPC – Areias e demais marinheiros entram no enquadramento, mesmo caminho de PRESIDENTE e JB - vão à proa e empurram as lanchas a ré, desencalhando-as da praia e saem de quadro.

Seqüência 7.9/Rio Uruguai/Água Profundas/Dia De Sol/Navegando – Back projection -

PG- Com a câmera na proa para a popa em Plano Geral, a estibordo (lateral direita) do barco com um enquadramento para o Areias ao leme, bem agitado.

Areias levanta e cruza os remos sinalizando para os barcos retardatários diminuírem a velocidade e esperarem; fala para todos:

câmera na proa da lancha com Areias à popa, de costas, e demais lanchas ao fundo, levantando o remo para confirmar a mensagem.

Areias

Chegamos à corredeira – uma das mais perigosas. Era arriscado vará-la ontem à noite.

PG - De novo Areias e seus auxiliares se jogam na água, músculos tesos e enfrentam essa corredeira com o motor a rufar a toda potência.

Seqüência 7.10/Rio Uruguai/Águas Profundas/Plano Geral - back projection - studio

PG - Após a corredeira vencida, em Plano Geral a lancha faz a volta em 360 e retorna para a proximidade do término da corredeira em águas calmas, para socorrer os demais, caso, seja preciso

PM - Othon pega o seu caderninho e lápis e começa a escrever (narração em off)

Continuamos a navegar (sobe o bg do áudio do motor da lancha a rufar).

Othon pensando em Off:

Visitaremos São Carlos, e, de lá, seguiremos para a ilha Redonda e depois o encontro com o Sr. Getulio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul em Água de mel, em tupy guarani Iray .

Creio que em São Carlos deve haver alguma coisa para se comer!

Verdadeiramente, a fome é uma coisa muito séria!

PM de cima, na vertical com Arthur Costa abrindo o mapa no barco- Zoom no mapa para indicar a localização dos excursionistas aos espectador (narração em off)

O Arthur Costa examina, pela centésima vez, a carta do Estado, e assinala com o dedo indicador a localização agora dos viajantes,

De cima, em traveling vertical para baixo a câmera sai do mapa e faz uma pan percorrendo o casco do barco da proa para a popa passando por todos até chegar em Areias ao leme e em zoom fecha em PM, PA, PP , até Close do rosto com pequenos closeup dos olhos em busca do horizonte de Areias.

continuação da narração em off

Como levado por uma doce força interior, vinda do coração insensivelmente me volto para o Areias!

O perfil agreste, incisivo, do valente caboclo se destaca na luz, como um baixo relevo bárbaro.

Seu olhar penetrante, igual à ponta de um dardo, perscruta as águas insidiosas, fura os longes franjados de sol que reluzem, trêmulas e fervilhantes como prata derretida.

Areias também merecia um artista de gênio para o seu heroísmo obscuro. Areias e seu companheiros.....

Close do rosto de Areias com a palma da mão sobre as sobrancelhas abre os olhos para o horizonte para espiar longe e anuncia virando o leme em direção a margem:

Areias
São Carlos! São Carlos a vista!

Close up de Areias novamente olhando o horizonte e gritando

Areias
Ilha Redonda! Ilha Redonda a vista!

...AOS ESPANHOIS CONFINANTES

16

Areias
Iray! Águas de Mel! Iray a vista!

CENA 8.0 - IRAÍ

Cena 8.0 /Lanchas/Praia/Irai – studio

Close de novo no relógio de bolso, 15 horas. A câmera abre e vão aparecendo os dedos, mão, ante-braço sobre a maleta que está no colo de Othon e demais excursionistas desembarcando da lancha em Iraí com

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

as maletas de mãos.

PP só das pernas e sapatos dos excursionistas caminhando na praia em e embarcando no automóvel que enquadra só os estribos e as portas que se fecham e 3 automóveis passam pela câmera deixando a o enquadramento na terra e poeira dos autos.

Seqüência 8.1/Automóvel/Irai/Grande Hotel

Os autos entram de novo no quadro e para no mesmo enquadramento anterior. Portas se abrem e pernas e sapatos saem caminhando com a câmera em traveling e em pan vertical para cima vai abrindo zoon para plano geral entrando no hotel, restaurante. Othon senta à mesa para almoçar, sendo servido e comendo.

Seqüência 8.2/Grande Hotel/Restaurante

Ao levantar da mesa, entra o JB esbaforido e empolgado e relata a Othon o encontro histórico dos dois Presidentes. Othon não fala uma palavra. Abaixa a mão estendida para o cumprimento, pois JB está falando (sem áudio) pelos cotovelos. Esta cena será toda contada com gestos, lábios falando com o acompanhar das mãos e a cara de Othon e vai devagarzinho abrindo em uma expressão de entusiasmo, (olhos e boca vão se abrindo lentamente), intercalando com toda a gesticulação que JB usa para contar o ocorrido. Acho que a câmera pode fazer um giro de 180 graus em JB enquanto ele gesticula. O som pode manter-se somente no som ambiente da cozinha trabalhando, com sons de pratos, louças e talheres sendo manuseados e cozinheiras conversando ao fundo em nos campos de profundidade.

Seqüência 8.2.1/Grande Hotel/Restaurante/Dia/Int.

Câmera em P. Americano, em Othon. Com uma cara de satisfação mexe os lábios e levanta os braços para um abraço frontal em JB e diz em berros:

Othon

Então, abracemo-nos e gritemos: Viva Santa Catarina, o Rio Grande, o Brasil.

JB

Com o dedo em riste para Othon, fala com o rosto todo contraído e severo...

JB

Othon que é isso? se comporte, rapaz. Estamos num hotel onde se encontram dois Presidentes de Estado! Ficou louco ao gritar assim como criança? Uma criança.

JB retira-se e deixa Othon em pé, sozinho.

Othon pensando em off

Fala para si mesmo.

Realmente pareço uma criança.

Como é vasto este mundo, Santo Deus!

Cena ao som de harpa com interferências descabidas de um trombone desafinado com o personagem a caminhar pelo hotel.

Se neste hotel houvesse um velho de imensas barbas esvoaçantes, grossa penca de chaves na cintura e uma túnica vaporosa ao invés de um paletó banal de brim cinzento, se em torno andassem sons de harpas substituindo o estrondejante trombone da orquestra, então seria perfeita a ilusão do Paraíso e das suas delícias.

Seqüência 8.2.2/Hotel/Quarto/Noite/Int. Studio

O quarto na penumbra, porta se abre e Othon entra. Somente sobre a mesa, sob a luz no pé do abajur, o relógio de bolso aberto indica 22 horas,

Insere de áudio de áudio de tick tac de relógio mecânico

PP. A câmera no relógio abre para P. Médio e Othon está sentado de perfil, quase de costas para a câmera, escrevendo suas notas.

Othon pensando em off

Que poderei dizer desse banquete terminado há pouco e das orações que o elevaram muito acima das delicias do cardápio luxuoso e farto?

O Presidente Getulio proferiu um belo discurso...

Parecia que uma claridade nova envolvia as suas palavras sinceras e fortes e as tornava límpidas e altas como a luz de uma estrela.....

Insere de áudio: O murmurar de uma canção no quarto ao lado faz Othon parar de escrever. Os dedos, trêmulos, afrouxam a caneta de pena em sua mão sobre o papel.

Close do rosto pensativo, contemplativo.

Alguém canta uma velha canção regional gaúcha que minha vó cantava para me adormecer.

Ferido pela dolência da música que outrora embalou a minha infância, sinto que os meus dedos estremecem...

Devo encerrar essas minhas notas para que elas não se umedeçam de lágrimas...

Razão tens tu, gente da minha ilha, quando cantas:

“Saudade – dor meiguiceira
Carpida na solidão,
Espinho de laranjeira
Cravado no coração!”

Câmera em PP enquadra a mão de Othon, com os dedos trêmulos e o papel sobre a mesa com a poesia acima. Gotas de lágrimas caem sobre as letras borrando-as no papel. O som do murmúrio da canção vai subindo o volume, a câmera abre. A luz é somente sobre a mesa, do abajur. O resto do quarto esta todo escuro. Num Plano Contínuo a câmera sai de Othon à mesa e passa por um breu (escuro) e vai para o outro quarto, onde tem uma mulher sob um só facho de luz com uma criança de colo nos braços, a embalar com o meio passo, vai e volta, sem completar o passo. A mulher estende um braço que entra no escuro e se escuta o tec do interruptor que apaga a luz. Tudo escuro, só fica o áudio com a canção de ninar diminuindo gradativamente o volume (5s).

CENA 8.2.3 - MONDAÍ

Seqüência 8.2.3/Rio Uruguai/Mondaí/Praia/Dia

Lanchas navegando em fusão com o mapa, revelando a localização no Rio Uruguai e o traçado da viagem sobre o mapa de Santa Catarina. O mapa, em fusão, com um Grande Plano Geral das lanchinhas navegando sobre o mesmo.

Othon pensando em off:

Temos que chegar a Mondai na hora marcada. Aliás, me afirmaram que de Cascalho a Mondai é um pouco mais que um tiro de carabina. Será mesmo ou o Areias aplica à metragem fluvial a tal légua de beijo do caboclo?

O Rio Uruguai realmente é um mar a banhar essas terras. Como é impressionante o Rio Uruguai.

Pisamos, enfim, terras de Mondai, nome atual do antigo Porto Feliz.

Insere de áudio: Começa a estourar um foguetório geral.

A câmera em PP na Proa da lancha que atraca no trapiche. Câmera no horizonte (baby) filmando de baixo para cima enquadra em Primeiro Campo, de lado a ponta da proa, a estibordo, aparecendo ao passar as pernas de pessoas (calças) pulando de cima da proa para o trapiche, passando por cima da câmera com o enquadramento em Terceiro Campo, no céu com imagens e som do pipocar dos fogos de artificios. Incluir nessa seqüência muitas crianças com bandeirinhas do Brasil.

Othon em off:

Cavalheiros munidos de maquinas fotograficas ajustam tripés e objetivas e correm, de um lado para outro, sob o pasmo das crianças, esbaforidos e suarentas. De todas as casas drapejam a bandeira brasileira e ondulam flâmulas com as velhas cores alemãs.

E dentre as alas compactas de cabeças descobertas, como cogumelos estranhos e monstruosos, despontam as manchas negras de guarda-sóis ou se abrem às flores de sombrinhas coloridas.

Todos sobre o trapiche – Plano e Contra-planos.

Insere de um plano geral de cima com o quadro todo preenchido com guardas chuvas (pretos) e sombrinhas (coloridas). Em preto em branco e colorido.

Insere de áudio de uma banda musical tocando o Hino do Brasil ao fundo

Vivas se alçam do meio do povo, entre o tiroteio dos foguetes e os compassos estridentes da banda musical.

Faz um calor de trovoada, e alguma nuvens cor de laranja e franjadas de um branco luminoso, encarneiram-se no poente.

Em seguida a câmera ainda em plongée enquadra os excursionistas e os Mondaienses com o céu em Terceiro Campo. Planos e Contra-planos dos Mondaienses e dos excursionistas que, a cada Contra-plano, se aproximam para os cumprimentos. Em seguida todos se misturam e caminham juntos.

Cena 8.3/Mondaí/Carreiro De Mato/Centro/Dia/ Ext.

Câmera sempre plongue com o céu em terceiro campo.

Othon e comitiva caminhando em direção ao centro da cidade onde está um portal em homenagem ao Presidente e excursionistas.

Close do relógio de bolso ao céu e são 17 horas, Close do relógio de bolso.

Othon narrando off:

Mondaí é o núcleo colonial mais poderoso de quantos frutificam neste vale bíblico.

Close de outro relógio de bolso com o céu ao fundo com o tic tac bem alto.

Othon e excursionistas através de galhardetes e túneis de folhagens sobre o trapiche do porto sobem a ladeira e atravessa a Vila, num coletivo amplo. Caminhando chegam ao Portal.

Há um arco triunfal de grande efeito decorativo e que tem este dístico sincero:

"Mondahy saúda o Presidente Adolpho com entusiasmo".

Insert de imagens fotografias do Portal e do telegrafo

Aqui fazer uma dupla exposição de negativo. Primeiro filmamos a foto do portal. Depois filmaremos os atores em fundo preto em escala e na proporção como se eles estivessem ali sob o portal, parado em frente do mesmo admirando a obra. Plano e Contra-plano em PG deles olhando o portal. Depois passam pelo portal.

Se enquadrar a foto do portal e colocarmos na escala certa miniaturas de chapéus, sombrinhas e guarda chuvas se mexendo teríamos ótimo efeito.

Plongues em PP do rosto de Othon olhando o portal com planos e contraplanos de portal e othon.

Inserte de áudio sobe o volume da banda musical tocando o Hino do Brasil ao fundo

Mais de uma vez, Monday e sua vitalidade tem sofrido as conseqüências de invasões rebeldes, que dilaceram a sua fortuna, subvertendo o seu trabalho, talam as suas messes e os seus campos, semeando a miséria por todos os seus casais.

Primeiro, Carlos Prestes e os revoltosos com as vestes em farrapos e as carabinas carregadas, montados em cavalos esqueléticos, ávidos, hirsutos e em longas filas irregulares passaram e repassaram deixando, ainda, como um tributo macabro latejando nas águas do rio das Antas – os germens contaminantes do tifo!

Depois, Leonel Rocha e a sua horda vandálica e maltrapilha a saquear o trabalho, a ordem e a família!

Seqüência 8.6/Mondaí/Telegrafo/Estúdio/Túnel Do Tempo/Back Projektion/Dia

Plongues em PP do rosto de Othon com a câmera em zoom poderoso abrindo e Othon falando para a câmera (espectador) na varanda do posto telegráfico.

Back projection da foto da Estação telegráfica. Entram os personagens a cavalo seguidos pelo o automóvel e todos param na frente da Estação Telegráfica.

Othon

Também fui saqueado em Mondaí. Foi impossível obter um quarto nos dois hotéis da vila regorgitante de forasteiros;

Close de Othon falando e olhando a hora no relógio de bolso.

De sorte que, ao voltar do telégrafo onde estive a mandar notícias a Republica, fiquei de sobra

Seqüência 8.7/Telegrafo/Estúdio/Túnel Do Tempo/Back Projection/Dia/Ext.

Close de um relógio de bolso com alguém vendo a hora com o tíc tac!

Os personagens estão na foto como se viessem dos cumprimentos do portal. Ainda de mãos dadas e pequenos tapas com nas costa. Os atores se posicionam como na foto antiga, ficam estáticos e a câmera passa para maquina fotogrâfica, imagem invertida, de ponta cabeça, e bate a fotografia com o flash a pólvora.

Congela a imagem com os personagens na posição.

Close do relógio de bolso com o tic tac e o ponteiro dos segundos parando de repente. O tempo para ou avança agora conforme os ponteiros do relógio de bolso e de Othon.

Proporções da fotografia antiga. Os atores e os excursionistas da época são fundidos (fusão) entre si e sobrepõem à fotografia antiga com os excursionistas. Othon da um pequeno passeio em PG ou americano nos excursionistas na frente do telegrafo, apresenta um a um dos excursionista na foto original com um pequeno currículo de cada.

Othon

Esse aqui sou eu em 1929, ontem, no passado.

Othon sobe a escada da varanda até chegar na porta do bar, ao fundo, sobre a mesa nas garrafas de bebidas.

Back projection da foto do telégrafo com Othon na varanda falando para câmera:

Othon é o único que se meche no quadro e falando em off.

O ano não importa. aqui, no meio da selva. O que importa é estou ligado com o mundo. Esse é o primeiro telegrafo na história a ser chamado de cybercafé.

O telégrafo é a nossa atual Internet. O bar junto à estação telegráfica era para esperar o telegrama chegar ou para saber dos principais fatos acontecido no mundo.

Vejam o bar aqui atrás com a mesa cheia de garrafas, era para que o telegrafista bebericasse a cachaça e depois soltava a língua informando a todos as notícias do mundo que tinham chego à cidade pelo telégrafo e principalmente sobre a vida privada de todos.

Alias, cybercafé não, na realidade é um cybercachaça que navega com 1 byte por vez.

A foto esta com os excursionistas da época posicionados.

Entra um automóvel em cena. Só Othon sai da frente do telégrafo, embarca no veiculo que arranca e sai de quadro. Permanecem os demais presentes na foto original.

corta

Seqüência 8.7/Janela Do Automóvel/Estúdio/Back Projektion/Dia/

PM de Othon no banco de trás do automóvel (pode ser parado) apoiando a cabeça com o queixo nos braços sobre a porta do automóvel olhando o horizonte para baixo, falando ao espectador (câmera).

“Conheces o país onde florescem as laranjeiras?”.

O país de frutos de oiro e de rosas vermelhas?”

Assisti hoje a um espetáculo dos mais maravilhosos e singulares.

Indo a Itapiranga, donde os olhos se embebedam no Rio Uruguai, o automóvel parou com o radiador fumegante.

Othon gira a cabeça e olha para á frente do automóvel. Câmera subjetiva de Othon em P. Médio: O motorista abre a porta e vai à frente do automóvel com um galão de metal na mão (em PP) com água para resfria o radiador que está soltando vapor pela tampa.

Othon volta a olhar pela janela do automóvel e continua a declamar (falar) e vemos a sua explanação no seu olhar:

O sol se entornava aos jorros sobre o Uruguai, iluminando-o, doirando-lhe as areias do leito, destacando as manchas esverdeadas das lajes submersas.

Então, como num aquário fantástico, eu vi cardumes de peixes, num brilho fuzilante de pedrarias, nadando sob as águas transparentes!

Eles vinham, lentos e prateados, davam grandes voltas e as suas barbatanas se

agitavam como echarpes de tules ao vento.

Depois desapareciam adiante, onde as águas tremeluziam e latejavam numa palpitação incessante de vida.

Othon, ainda no mesmo enquadramento da seqüência anterior em PP ou PM, Plano de Busto, na posição da seqüência anterior é bruscamente chacoalhado pelo arrancar do automóvel, sendo jogado para trás e para frente.

Câmera subjetiva de Othon virando a cabeça, olhando para o motorista (para frente) e diz:

Mas o chofer, habituado àquelas maravilhas, arrancou-me da contemplação, atirando-me à realidade de umas almofadas de molas rijas e a um automóvel que raspava a terra cheia de poeira, de micróbios e de folhas outoniças..

Primeiro Plano do auto com enquadramento lateral de Othon andando sobre os buracos na estrada de terra, gerando desconforto e sofrimento ao espectador.

Corta

Seqüência 8.8/Estação Telegráfica Do Tempo/Back Projexion/Dia/Ext.

PG o automóvel para em frente ao telegrafo no mesmo enquadramento do embarque de Othon.

Othon desce do automóvel em PM e puxa do bolso pela corrente o relógio e faz uma manobra, como no bilboquê, girando pela corrente o relógio de bolso em vários sentidos. Ele abre os dois lados do relógio de bolso. O lado da máquina, expondo em PP os 21 rubis e a máquina que está parada. Ele vira o relógio para o lado do mostrador das horas que também está com os ponteiros inertes. Othon gira o botão da corda no sentido anti-horário do relógio e todos nós voltamos a funcionar com o tic tac crescente. Close up só da maquina voltando a funcionar. Close no ponteiro dos segundos iniciando o seu movimento com a marcação do tic tac.

Corta

A seqüência volta para o correio sem os excursionistas a frente do correio com a narração de Othon ao fundo. O automóvel também parte. Sai um por vez, conforme cronômetro do texto, em lentidão. O último a sair é Othon.

Fica só a estação do telégrafo e começa um som na tela com a bip bip do código Morse.

Fade out

Como legenda, passa o Código Morse na tela, com o som bip, bip bip, bip)e a fita telegráfica, noticiando que os excursionista estão partindo para a Selva. Em direção a Argentina. O bip vai diminuindo o volume.

Fade IN

Insere da foto da Estação Telegráfica sem os personagens

Cena 8.31/Mondai/Cavalos/Dia/Ext.

Othon fala em off:

Amanhã, há estas horas, devemos partir, após as despedidas oratórias. Estou pronto e à espera o momento de montar e mergulhar na barbaria das selvas.

Não sinto nenhum medo, nem me tirará o sono à aventura que se iniciará amanhã.

Há perigos?

Que importa?

Queremos chegar, e isso nos basta.

Insere da foto da partida de Mondai

A câmera em PG enquadra uma fileira de animais sem cavaleiros. Os excursionistas vão entrando em seqüência e vão montando nos animais que estão alinhados paralelamente como na foto da época. Em seguida, eles partem em direção à câmera, P.Geral ou de composição, passando por ela. A câmera corta e enquadra-os por trás, indo por uma estradinha que vai se afunilando em um carro, uma picada de um metro de largura. Diretor de Arte não esquecer dos animais cargueiros.

Casting acrescentar um madrinheiro no elenco.

Uma grande cavalgada inicia a despedida de Mondai. Os cavaleiros se embrenham no carro em fila indiana. Close e seqüências diversas deles passando pela câmera em diversos Planos.

CENA 8.3.2 - CAVALGALDA NO PICADÃO/MATA

Cena 8.3.2/Picadão/Cavalos/Dia/Ext.

Planos de Tronco de Othon cavalgando lentamente comendo pinhão. Close do pinhão sendo descascados com os dentes enquanto, Close dos olhos pestanudos do burro troteando na trilha:

Othon pensa em off:

Meu animal é um burro retaco, cor de pinhão, de idade imprecisa! E com um

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

brilho de ironia nos olhos pestanudos!

Parece que se conforma em ser burro e que não desejaria ser homem.
Tenho impressão de que ele acha muito natural andar com sujeitos às costas.
Mas já o avisado Sancho Pança dizia que se deve desconfiar dos burros e das mulheres!
Sabes por qual nome esse burro atende?
PARECIDO!

Cena 8.3.3/Picadão/Cavalos/Dia/Ext.

Um Primeiro Plano do rosto de Othon passando com aquela expressão de desentendido e a câmara faz PAN de 180 graus e vai abrindo para Plano Geral com Othon de costas e enquadrando a fila indiana de cavaleiros andando na trilha

Não me pergunte porque desça desconfiança?

Insere de áudio com cantos diversos de pássaros e galharia sendo quebrada (estalos) pelos passos dos cavalos

Cena 8.3.4/Acampamento/Cavalos/Dia-Final De Tarde/Ext.

Cavaleiros passam pela câmara e já tarde do dia param numa clareira. Apeiam dos animais, desencilham os animais e começam a arrumar as camas com os pelegos, celas e demais objetos da montaria. Othon olha a frente no meio de uma moita há uma cruz. Movimento geral no acampamento. Takes gerais dos peões montando o acampamento, montando as barracas, recolhendo e cortando a lenha para o fogo. Planos de João Pinto acendendo o fogo e preparando a comida (arroz, feijão e lingüiça). Os excursionistas arrumando suas camas, se deitam sobre os pelegos ajeitando-os em busca do conforto de dormir. Takes dos peões e soldados de winchester em punho, perto do fogo, sentados, ao redor do acampamento, caminhando, com o rugido dos tigres a rondar o acampamento. Demais takes gerais para inserção de acampamentos para simbolizar a viagem. Takes dos guardas observando o mato para localizar os tigres às vezes brilham no escuro os olhos dos felinos e o guarda mira no bichano que foge como raio na escuridão, da mira da espingarda. Takes dos excursionistas comendo arroz com feijão e lingüiça.
Ao redor do fogo, diversas camas (pelegos e celas) ao relento e, mais ao lado, uma barraca.

Insere de áudio e rugidos de tigres.
Inserir um letreiro

7 léguas equivalem a 42 quilômetros por dia de cavalgada

Cena 8.3.5/Acampamento/Barraca/Noite(Luz De Fogueira)Ext.

Plano Geral com o fogo no canto esquerdo e barraca no canto direito do enquadramento com Othon entrando na barraca e sentando-se em sua cama.

Seqüência 8.3.6/Acampamento/Barraca/Noite(Luz De Fogueira)Ext.

Plano de Tronco de Othon sentado onde irá dormir. Plano Médio de Othon deitando e retirando da cintura o revólver e a lanterna e colocando ao lado do travesseiro (cano da bota recheada com roupa). Cobre-se para dormir, e olha (câmera subjetiva) pela porta da barraca a fogueira lá fora. Em torno dela os tropeiros sentados em torno da fogueira, tomando chimarrão.

Close do rosto de Othon deitado olhando os tropeiros ao redor do fogo alto, câmera subjetiva de Othon para os tropeiros abrindo em zoom ou Travelling saindo da barraca para PG com os tropeiros ao redor da fogueira e, em segundo ou terceiro campo de profundidade, a mata, com as sombras dos tropeiros se movendo, na mata, com projeção da luz tremula do fogo, no breu da escuridão. Podemos fazer a brincadeira da projeção de animais com as mãos. Corujas, tigres e outros animais sendo projetados pela luz do fogo e sendo recortadas pelas mãos com as sobras gigantes sobre a mata com o texto abaixo com Othon em Off:

Othon pensando em Off:

Para lá do fogo é a treva absoluta, misteriosa e imponderável, da qual se espera surgir, a todo o momento, formas horrendas e moles, dorsos peludos e recurvados, que trazem a morte nas garras!

Insere de áudio de pios sinistros, uivos longos, estalidos de quebrar que geram suposições incríveis, batidas do coração em volume e ritmo crescente. Um chirrio de coruja pia bem alto e solitariamente na noite escura e tudo fica em silencio.

Seqüência 8.3.7/Acampamento/Barraca/Noite-Luz De Fogueira/Ext.

Plano e Contra-plano de Othon deitado a espiar somente com os olhos as projeções na floresta. Plano e Contra-plano de ambos:

Othon em off:

Ah! A primeira noite em plena floresta bravia!

Como é ela povoada de medos, de vultos tétricos, de ruídos, de palpitações fortes do coração!

E como despertam e dominam as escuras superstições, todos aqueles duendes de que as negras velhas nos falavam na infância!

- Meu Deus! Cessai o chirrio daquela coruja, cujos olhos eu vi, ainda há pouco, fosforear na treva!

Na escuridão total piscam, longínquos, dois pequenos olhos de coruja e, em seguida, começam (os pontos de olhos) a voar desaparecendo e novamente reaparecem os dois olhos (pontos) e assim vai-se repetindo e simultaneamente crescendo cada vez mais em direção ao espectador os dois olhos (pontos) de luz branca na tela (duração em segundo da frase última de Othon acima). Escurece de novo e tudo fica preto na tela.

Seqüência 8.3.8/Acampamento/Barraca/Noite -Luz De Fogueira/Ext.

Um flash de luz ilumina o rosto de Othon em Primeiríssimo Plano que dá um pulo com o rosto em direção a câmera. O efeito aqui é causar um grande susto na platéia. Tudo fica escuro de novo, e entram os sons incidentais:

Inserte de áudio: Estampido de raios e trovoadas a pipocar. Começa o som de chuva no escuro, final de madrugada.

Amanhece.

Com um pequeno fade in, em Plano Geral, cavaleiros na trilha, em viagem, numa seqüência de Planos cruzados, na diagonal, de baixo para cima, de cima para baixo caracterizando um longo percurso espaço-temporal.

Othon e demais cavaleiros passam pela câmera em PM ou Plano Geral, olhando para o céu escuro e nervoso, assustando-os, com as mãos segurando os chapéus pelas abas, ajeitando os mesmos para espiar o céu. PG do céu escuro e com chuvas com relâmpagos, raios e trovoadas caindo bem próximo dos excursionistas.

Os animais, inquietos e nervosos em seus trotes descompassados, ameaçam empinar. Estão assustados com os raios que caem bem próximo e com despencar dos galhos de pinheiros partidos pelos raios.

Close de flancos de cavalos, descompassados, pisando sobre poças de água e demais cenas que simbolizem o nervosismo dos animais. Também nos pensantes.

Cena 9.0/Barbaquá/Estúdio/Dia/Com Cerração/Ext

Inserte de áudio: Chuviscando e depois muita chuva, grossas nuvens; As gralhas e as saracuras no fundo do mato úmido e afogado em névoa grasnam com estridor e gargarejam com melancolia.

Othon em off:

Estamos nos lombos dos animais, na picada do telégrafo e chegamos em uma clareira com um enorme barbaquá. Vamos passar a noite aqui.

Seqüência 9.1/Barbaquá/Estúdio/Dia/Com Cerração/Ext.

Câmera em PG. Cardoso, agilmente e os demais ajudantes da excursão, apeiam dos animais, seguram as rédeas para apearmos e amarram e desencilham os animais.

Plano de Tronco:

Othon, com um pedaço de pão nas mãos, levando a boca, antes de morder o pão, olhando para o céu, de costas para Cardoso, câmera abre para Plano Americano, desencilhando os animais fala:

Othon
Agora é que nós vamos comer do ruim!

Disse eu ao Cardoso que soltava a barrigueira do meu burro, o Parecido, amarrado num dos palanques do barbaquá, quase em cima da minha futura cama, ou melhor, local de dormir:

Cardoso
É certo!

Respondeu com lentidão o digno tropeiro olhando também para o céu de banda.

Close da cabeça de Cardoso, com um olho fechado, outro aberto olhando o céu e protegido pela aba do chapéu, da chuva e da luz, inclinando a cabeça.

Seqüência 9.2/Barbaquá/Estúdio/Dia/Com Cerração/Ext.

Othon
Imagine você, vamos dormir nesse chão encharcado e no mato frio!

Cardoso
Quem não quer ouvir cuia de porunga, não ata de dois.

Take de Cardoso batendo e mostrando dois porungas juntos e prezo a sela do animal.

Othon
Você tem razão, “Quem não quer passar maus pedaços em viagem, fica tranqüilamente fumando em casa”.

Othon encerra a conversa dando uma mordida no pão...

Cardoso
É certo mesmo.

Othon entra no barbaquá

Seqüência 9.3/Barbaquá/Estúdio/Dia/Cerração

Em PG, Cardoso, carrega duas celas! Uma em cada ombro e caminha para dentro do barbaquá, afastando-se lentamente dos animais, com uma gravidade conselheiral, incompatível com o seu vulto magro e alto que lembrava D. Quixote.

Seqüência 9.4/Barbaquá/Estúdio/Dia/ Cerração

Câmera acompanha em PAN o nosso D.Quixote e enquadra na passagem João Pinto, de frente, acororado, em Plano Geral fazendo a fogueira, com a luz do fogo refletindo em seu rosto.

João Pinto, nosso cozinheiro, na fogueira ergue-se ficando em pé. Todos se juntam gradualmente formando uma roda em torno do fogo.

Othon sai do barbaquá com um espeto, pão com lingüiça, e ajeita sobre as labaredas da fogueira. Logo em seguida, volta ao interior do barbaquá carregando uma garrafa com resto de vinho branco.

Seqüência 9.5/Barbaquá/Estúdio/Dia/Cerração

Othon entra no barbaquá e deita sobre os pelegos, de lado, com a cabeça apoiada sobre a cela e começa a escrever com lápis, no caderninho de bolso, suas anotações:

Câmera enquadrando a entrada no barbaquá. Deitado olhando, câmera subjetiva, o movimento exterior no acampamento, começando a escrever com lápis na cadernetinha (em off). Câmera da uns Closes e PAN conforme o que Othon escreve e narra no barbaquá.

Othon em off:

A chuva agora é desabrida e quase oblíqua.

Takes de dentro do barbaquá Plano Geral da chuva lá fora.

Câmera subjetiva de Othon olhando de dentro do barbaquá para fora, quando chegam os tropeiros correntinos que apeiam dos cavalos com 3 cachorros pastor alemão, capa preta, belíssima.

Cardoso entra no quadro em PG e se aproxima dos tropeiros que estendem um pelego branco no chão sobre o qual é colocado um tigrinho morto.

Othon

Daqui onde estou ouço Iolare fazer o resumo da caçada. Pela conversa todos atiraram no pobre bichinho!

PG de Othon escutando a conversa.

Seqüência 9.6/Picadão/Mato/Cavaleiros Atirando/Dia/Cerração

Um take de 4 cavaleiros numa trilha no meio do mato atirando para miras diferentes (todos os lados) com os cavalos empinando, apavorados.

Iolare

A tigre deu um bufo e bateu para o meu lado!

Arthur Costa

E o que você fez? Interroga Arthur Costa.

Iolare

Eu finquei as esporas nas virilhas da mula e sai dando tiro pra tudo que era lado!

Câmera entre os tropeiros ao redor do pelego branco, com o pequeno tigrinho (um tigre de pelúcia de criança), como um troféu conquistado a mata virgem.

Enquanto os tropeiros falam que a tigre pode vir ao acampamento, à noite, procurar o filho!

Começa a escurecer e a luz do fogo a se destacar

Othon sobre seus pelegos, com lápis e cadernetinha em punho olhando os tropeiros, nativos morenos de cabelos pretos e lisos, de índios guaranis, em volta do fogo, tomando chimarrão, enrolando palheiro, fumando e contando causos. Os índios, às vezes, se viram para olhar lá dentro do barbaquá, contando causo:

Tropeiro 1

Andava caçando anta com dois camaradas da Coluna Prestes. À noite, o tigre veio e pegou o cachorro que dormia bem ao pé do fogo!

Tropeiro 2

Ao pé do fogo?

Tropeiro 3

“Disque. Tigre sem-vergonha!” Mas, para quem dorme no mato, o pior é o porco do mato. Uma vez, eu e mais um companheiro viemo na Campina, caçar veado. Fizemo uma ramadinha de cará e, por causo do tigre, acendemo na porta da barraca um fogo maior do que aquele, de nó de pinho. Pois antes de clarear do dia – barbaridade! – uma vara de catetos estalando a dentuça, bateu no acampamento. Os bichos chegaram a apagar o fogo e a morder o brasido.

-E vocês ?

-Nós se trepemos numa erveira.

Othon abaixa a cabeça e começa a escrever em seu caderninho:

“O Perfis agrestes dos Tropeiros Correntinos” (direção de arte e Figurino):

São dois tipos de novela regional, de perfis agrestes, os tropeiros correntinos. Usam uma sobre-calça de lona branca e um pano de listas vivas na cabeça. Tisnados, de nariz aquilino e de cabelos negros, corridos e aspectos como crinas, acusam logo a raça guarani. Falam, porém, o português, tão correntemente como o espanhol; e creio que nem conhecem a língua da sua gente.

Um deles para beber água, ficou de bruços no Vorá, com a winchester na mão. Ao vê-lo, naquela postura e naquele cenário, lembrei-me de um grande quadro de Bernardelli – Os bandeirantes. Há também um homem, bebendo, assim deitado, com as pernas enfaixadas em trapos, um pano amarrado à cabeça e o mosquete preso à mão crispada”.

Seqüência 9.7/Barbaquá/Estúdio/Escurendo/Cerração

Othon em off com imagens da seqüência:

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

O vento ronda mais forte e mais rude, com seus assovios. De vez em quando, um relâmpago, ainda pálido na meia luz da tarde, escancela a bocarra de fogo; e um trovão estala, trepida e reboa através das ramarias tumultuadas e desgrenhadas.

Seqüência 9.8/Barbaquá/Estúdio/Escurecendo/Cerração

Câmera em PM com Othon virando para o doutor Xavier, que fala, deitado ao lado:

Dr. Xavier
Vamos ter muita água!

Exclama com melancolia o Dr. Xavier, que adoeceu seriamente e esta com febre.

Othon
E se os animais se extraviam com esse tempo?

Dr. Xavier
Esta idéia me apavora como um fantasma na noite.

Seqüência 9.9/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Othon levanta dos seus pelegos e vai se juntar com os demais à frente do barbaquá, ao redor do fogo, olhando a garoa:

Othon:
Estou preocupado com o nosso médico, O Doutor Xavier. Estamos nesse fim de mundo, o doutor está com muita febre, molhado e tudo úmido.

Será que ficaremos amanhã, sob a chuva, neste ermo? Se o doutor Xavier piorar como vamos atendê-lo aqui nessas condições?

Presidente
Estávamos discutindo neste instante as providencias a serem tomadas

corta

Doutor Xavier grita por Othon:

Dr. Xavier
Othon! Othon! Venha até aqui

Planos de Tronco em PAN de Othon olhando para os demais companheiros, todos se olham e emudecem. Câmera Plano de Cabeça, em PAN, nos rostos da roda, em 180 graus, parando em Othon. Ele sai em direção ao Dr.Xavier, câmera segue em ZOON, se afastando da câmera, indo para Plano Geral.

corta

Seqüência 9.10/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Câmera ao lado do Dr. Xavier. Othon caminhando em direção ao Dr. Xavier e senta ao lado dele. O Dr. Xavier pega no braço dele e começa a falar (Plano e Contra plano de Tronco, em ambos)

Othon pensando em off:

Em voz alta e olhando nos olhos do Dr. Xavier, Planos e Contra-planos de Othon olhando e Xavier falando sem som enquanto Othon narra à conversa.

Othon, voz alta em off:

Tratava-se de ir ver um doente, a meia légua daqui, diziam.

Ufa! Que alívio! Pensei que o Xavier houvesse piorado.

Levantei e saí do barbaquá. Othon volta à roda de chimarrão onde recebe a cuia e reporta a conversa:

Othon:

O Doutor Xavier não podia atender, àquelas horas e com febre. Ele sabe que Eu sei aplicar injeção.

É uma obra de caridade.

Graça as Deus.

Seqüência 9.11/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

A garoa continua. Othon olha para o lado e vê um caboclo segurando um animal encilhado, em pé, esperando na entrada do barbaquá. Othon devolve a cuia e volta ao barbaquá e veste o ponche macanudo, chapéu, pega a maleta de doutor, e saí do barbaquá.

Uma cena com chuva e flash de raio, com a câmera (subjativa) se dirigindo para uma picada com o facho redondo da lanterna. Só com o clarão dos raios, um atrás do outro, dava para seguir, imaginando o caminho, parando e esperando outro raio. Pararam os raios e nós tivemos que parar também. Caminhamos mais um pouquinho, mas não da para continuar. Demora e outro raio e clareia tudo - vejo uma cruz bem a minha frente. Levo um susto diante do tumulo:

Othon:

Pensei que a morte tinha vindo me buscar.

Caminhei mais de légua e meia, de ida!

(Legenda fade in, fade out)

9 km

A principio no picadão do telégrafo, depois, através de uma brecha hisurta varando às vezes arroios e lajeadinhos inchados pela chuva, espumejantes e raivosos.

Seqüência 9.12/Barbaquá/Estúdio/Rancho/Noite/Chuva

Quando apeei num gramadinho, na porteira de um rancho, sob o latir desesperado dos cães, a treva era completa e absoluta como a fatalidade!

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

Othon:
Onde está a doente

Caboclo:
Aqui, faça o favor de entra no rancho e olhar.

Insere da foto do rancho do caboclo.

Câmera subjetiva de Othon descreve a cena: Dentro do rancho, sobre o chão de barro negro, a água se empoçava. Numa cozinha, onde leitãozinhos grunhiam em torno de uma criança que avidamente raspava um prato de folha, um fogão a lenhas, em suas frestas esfumaçadas tremeluzia com tristeza.

Caboclo:
Aqui, faça o favor de olhar.

À claridade indecisa, vacilante, de uma tira de pano mergulhado num pedaço de sebo, eu observei (subjetiva) sobre uma cama em desalinho, um vulto de mulher moça.

Caboclo:
É um ataque seu doutor.

Othon em off diante da enferma:
O Doutor Xavier me havia recomendado óleo canforado com pantopon.
Certamente é alguma crise nervosa.

Othon:
Preciso fazer uma injeção.

Levaram-me à cozinha. Não havia bancos no rancho. Por duas vezes os porcos derrubaram a seringa que fervia sobre uma trave baixa. Close de Um cão rosnava perto, olhando-me com desconfiança. E lá fora!
corta

Câmera em PG: Violentando as galharias, uivando pelas frestas, fazendo tremer a porta mal segura do rancho, o vento parecia um louco em delírio. A porta abre com o vento.

Fica aberta e entra no rancho um negro tisanado:

Negro tisanado:
Eta! Ventaiada chucra!

Falava para o outro um rapazelho tisanado, com um buço forte e o revolver na cintura, que entra com ele.

Insere do áudio: A voz me veio de uma dobra de corredor, junto de uma parede que escorria água. Othon torce o pescoço para trás tentando localizar de onde vem aquela voz.

Mulher do Corredor:
Ai! Meu senhor. Aqui estou, vai pruns pares de mês desde tive a pontada.
Dês que tive a pontada!

Othon vê a mulher maltrapilha, com uma criança ao colo e a cena é descrita com imagens e em off

Othon e imagens em off

Sobre uns trapos revoltos, cheirando a febre e a escarro, uma pobre mulher gemia, dando a uma criança esquelética com cabeça coberta de feridas, um seio ressequido como um pedaço de couro. Diante daquele quadro de miséria e de dor ignorada, emudeci.

Corta off

Então uma rapariga morena, de luto, com umas fundas olheiras de fadiga e um piázinho às saias rasgadas, pediu-me com humildade:

Rapariga Morena:

Seu douto! Por que não dá também um remédio para a minha mãe?

Apliquei-lhe uma injeção de óleo canforado.

Já fora do Rancho, tudo serenou. takes do vento e a chuva que latejam dentro da treva (da escuridão) mole e imensa.

Atirando para os ombros o ponche encharcado, tornei a montar.

Caboclo:

Muito obrigado. Fosse ontem lhe dava o pêlo de um tigre, que baleei bem aí, na costa da porteira. Permutei com um tropeiro, por uma quarta de sal e uma carga de 38.

Othon:

Há tigres por aqui?

Caboclo:

Si há! Faz uns par de dias que um me comeu a porca de cria, no barbaquá onde vocês estão de pouso.

Othon e imagens em off

Acendi minha lanterna elétrica (a pilha). Mas lembrei-me de que poderia perder na noite negra, através daqueles matos que eu não conhecia e que não desejava atravessar sozinho. E guiado pelo clarão curto e redondo da lâmpada que o homem levava a pé, voltei.

Seqüência 9.13/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Continuação:

Regressei ao nhoque todo encharcado, tarde da noite, tiritando de frio. Alguns companheiros ainda estavam acordados. Após um gole farto de cachaça, contei-lhes a minha simples aventura. Fui ao agasalho dos meus pelegos, dormir.

Choveu e ventou toda à noite como em pleno versículo do XVII, Capítulo VII,

do Gênese.

Takes de Othon, mais de uma vez, acorda com a detonação trepidante de um corisco.

Cheguei a temer que o nhoque não resistisse ao furor desesperado da tempestade ou que ele pudesse ser, de um momento para outro, esmagado pelo tombo irresistível de algum tronco.

Cenas da luz faiscante dos relâmpagos, luzindo nas gretas das paredes e projeções crescentes dos vultos dos companheiros deitados pelo chão.

A noite parecia mais longa e tumultuosa. Depois, dentro do sossego que se abria, passava um ecoar de trovão ou o clamor surdo e reverberante, de um galho de pinheiro caindo.

Por vezes, também vagava um som longínquo e triste de cincerro. Mas, logo, num salto brusco de jaguar, o vendaval uivava mais forte, enchia de contorções as galharias, redemoinhava, desfiando o colmo, sacudindo as paredes de taquaras do nhoque.

Insere de imagens e áudio descrito acima

Porém, vencido pela fadiga, eu re-adormecia, pensando no resto da viagem, que deveria ser horrível com mau tempo.

Virei-me de lado e tudo se desvaneceu. Adormeci profundamente.

Câmera subjetiva de Othon: Altas horas, aninhado no melhor cantinho do sono, desperta sentindo o rumor e o bafo de um animal farejando junto a sua cabeça. Está de decúbito dorsal e ao se virar, em sincronismo, o Parecido ergue as patas dianteiras colocando-as sobre o seu peito, calçando-o. Calçado pelo burro sente o bafo quente de outro animal no seu rosto a farejar e mal vê a cabeça do felino junto a sua cabeça, me cheirando e cada vez mais quente o bafo e perto de dele.

Othon com câmera em Close no rosto tentando gritar:

Othon:

Olhem, é a tigra! Escondam o tigrinho!

Mas não consegui! Não podia. O meu burro calçava-me com as patas dianteiras e me olhava com um gesto zombeteiro na boca.

Plano e Contra-plano de Parecido e Othon. Ambos se olhando, pestanudos. Depois querendo gritar, buscando ar.

Seu peso dianteiro sobre meu peito me deixa sem ar para gritar. Não podia haver a menor dúvida: era a tigra!

Câmera descritiva. Vários takes em continuidade, entre parentes.

Tateei até agarrar o revólver em desespero. Uma forma escura passou no momento em que o Savas, sonâmbulo, levantou o tronco, tirando-me a mira. Pois eu não podia levantar calçado pelo burro Parecido,

Savas
Que é isto?

Indagou ele sonâmbulo e voltou a deitar sem acordar.

Voltou-me a mira e engatilhei revólver, tudo muito rápido! Firmei os olhos com precisão na tigre; um relâmpago e clareou tudo. Era um jaguará (cachorro) dos caçadores alemães que escapou da cólera e estava procurando comida no acampamento. Então com um Ah! De imenso alívio, liberei-me do Parecido (burro) que me soltou e tornei a deitar-me de bruços.

Seqüência 9.13.1/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Insere de áudio madrugada, chuva, raios e trovoadas.

Cena de vários tropeiros, deitados, só com as faces dos rostos descobertos. Cena em Close up dos olhos, pestanas, olhando para o que se passou com Othon; todos se comunicam com o olhar, dão uma risadinha uns para os outros, fecham os olhos e voltam a dormir, vários deles, como estivessem se entreolhando. (Plano e Contra-plano das Faces) e rindo do acontecido, tudo sob a luz dos relâmpagos e ao som do pipocar dos raios e trovões e estalar nas copas dos pinheiros. Cada relâmpago parece um rindo para o outro.

Seqüência 9.14/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Câmera em Primeiro Plano com Othon em off:

E adormeci, pensando no prazer que eu próprio daria àquele cachorro esfomeado: a! Se eu tivesse um grama de estricnina para esse cachorro!

Othon fala bem lentamente, adormecendo e repete um grama de estricnina.estrícnicina. Othon adormece.

Seqüência 9.15/Barbaquá/Estúdio/Noite/Chuva

Câmera em Primeiro Plano no rosto de Othon, adormecendo, no escuro, reflexos de raios em fade in, fade out, amanhece o dia com uma grande serração. Plano Geral do barbaquá com o Presidente caminhando e João Pinto com seu fogo preparando a comida...

Seqüência 9.15.1/Barbaquá/Estúdio/Amanhecendo/Chuva/Neblina.

Presidente saindo do barbaquá, enrolado no cobertor arregaça o braço, bem exibido, para ver o relógio

de pulso, olha, olha e depois vê a hora:

Close no braço e no relógio.

Presidente: Ha Santos Dumont, que gênio foi você! Quanto mais eu te conheço, mais e te admiro. Tão simples e tão pratico, inteligente.

Em seguida olha para o barbaquá e da um aviso como de chamamento:

Presidente: Seis e um quarto de hora.

O Presidente caminha entre os dorminhocos e de propósito, vai tocando com as botas os companheiros e fala

Presidente:
É hora dos dorminhocos acordarem, vamos!
Já é tarde. Vamos partir às nove horas.

E o Presidente passa uma revista nos dorminhocos e a exclamar, dirigindo-se a roda de fogo que já estava alta!

Presidente:
Já é tarde. Vamos partir às nove horas!

A câmara acompanha o Presidente que se dirige à roda de fogo e se senta num caixote perto da fogueira, (Close) na chaleira que começa a chiar, com João Pinto pegando-a para fazer o chimarrão e o café. Neblina, muita neblina e garoa bem fina. Frio muito frio, rosto ainda deitados tremendo, retesados de frio.

João Pinto:
Presidente, um chimarrão para esquentar?

O Presidente, com um pente e brilhantina ou pastinha ajeita o penteado de seu cabelo, antes de pegar a cuia.

Presidente:
Com muito grado, vamos espantar esse frio!

O Presidente ainda sentado no caixote ao redor do fogo, pegando a cuia; em Segundo Plano a câmara enquadra, como se o Presidente olhasse para os dorminhocos, os excursionistas levantando e ficando sentados, uns parados, outros se descobrem, para calçar as botas, outros ainda se preparando para levantarem. Alguns começam a levantar.

Seqüência 9.16 /Barbaquá/Estúdio/Dia/Chuva/Neblina

Os excursionistas ainda sentados em suas camas

Iolare Guimarães:
Bom dia, Othon.

Othon:

Bom dia, Iolare

Iolare Guimarães:
Você não ouviu miados de gatinhos à noite?

Savas, sentado olhando para Othon, coçando os olhos

Othon:
Nunca na minha vida, como essa madrugada, tive tanta raiva de cachorro!

Cardoso, tropeiros e demais sentados em seus pelegos, escutando os reclames do Othon, se olham entre risos. Close dos mesmos com meio sorriso de apronte, de costas para Othon em Segundo Campo.

Othon:
E vocês, estão rindo do quê? Depois de uma noite dessa?

Othon, enquanto arruma suas mochilas, dentro do barbaquá, para e fica estático (câmera em Plano Médio).

Pensando em off
É! Estou entendendo essas risadinhas.

Em Close de Othon com os olhos arregalados e com a cabeça estática, pensando e vendo a ficha cair.

continuação
Agora eu me lembro que, ao deitar, eles estavam falando o tempo todo no tigrinho e que a tigra, à noite viria procurar o tigrinho. Esses tropeiros estavam é armando para pegar alguém da cidade...
Foram eles que soltaram o pobre do pastor alemão que quase matei, se não fosse o Savas levantar. Safados

Sua perplexidade e seu pensamento são interrompidos com o grito do cozinheiro João Pinto:

João Pinto:
Olha a bóia, olha a bóia, tá na hora de comer!

Seqüência 9.17 /Barbaquá/Estúdio/Dia/Chuva/Neblina

O Wenceslau Breves confere o relógio de bolso.
Close 8 horas

Wenceslau:
Sempre no horário o almoço, né João? São exatamente oito horas, parabéns pela pontualidade. Mas tenho que te dizer uma coisa: não agüento mais arroz, feijão e charque!

O pessoal se ajunta em redor do fogo, das panelas e senta nos caixotes. O Presidente passa a cuia de chimarrão para Wenceslau Breves que olha a cuia, a rodeia entre as mãos, dá uma bicada na bomba, enquanto o Presidente pega uma caneca de alumínio com café, com as duas mãos para aquecê-las.

Presidente olhando para a caneca, Close da caneca, com relutância.

Presidente em off pensando:

Arroz, charque feijão de novo, o fígado não agüenta mais essa comida!

Começa agora, um largo movimento pelo acampamento. Alguns peões se dirigem aos animais carregando selas, pelegos, arreios, encilhando os animais etc...

O fluxo de trabalho e o movimento vão aumentando. Todos agora estão em volta do fogo tomando chimarrão e almoçando. Wenceslau Breves com a cuia, passa para as mãos de Othon e pergunta?

Wenceslau Breves:

Ninguém, nessa madrugada ouviu miados de onça à noite;

PM do pessoal na roda de chimarrão (Primeiro Plano dos rostos da madrugada que acordaram com os cachorros) todos começam a dar gargalhadas.

As gargalhadas, em fusão com ecos vão se fundindo com os grasnados estridentes das gralhas, dos pássaros, das aves em números e espécies cada vez mais e o volume crescente.

Othon levanta o braço até a cabeça, com a mão aberta desdenhando a todos, e se retira da roda importunada em direção ao picadão do telegrafo. A câmera dá um Travelling vertical para as árvores com as risadas ao som da fauna.

Caminhando em direção ao picadão (carreiro) sem aonde ir, vai ver a cruz que viu na noite anterior ao ir aplicar a injeção de cânfora naquele sapé.

Cena 9.18/Barbaquá/Cruz Do Tropeiro/Dia/Garua/Neblina

PM. Pára diante da cruz e fica a fitá-la.

Othon em off.

Comove-me ao ver um homem e sua desgraça, ali, enterrado e esquecido no seio da floresta virgem, naquele imenso silêncio e naquela imensa solidão! A cruz estava tomada pelo mato.

Othon puxa o facão da bainha e avança sobre o mato que serpenteia o túmulo. Começa a limpá-lo com o facão, quando chega Cardoso puxando os animais!

PG de Cardoso que se aproxima de Othon puxando os animais pelas rédeas e conta à desgraça do negro velho:

Seqüência 9.19/Barbaquá/Degola/Dia/Ext.

Cardoso:

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

Era um tropeiro dos nossos! Era um negro velho que mostrou para a coluna Claudino, do exército brasileiro, o rastro da Coluna Carlos Prestes.

Em novembro de 1927, o bandido do Leonel Rocha prendeu o negro velho. Depois mandou um paraguaio trazer o negro velho para cá e o fez cavar a sua própria cova. O negro velho suplicou pela sua vida pelo amor de Deus. Que o deixasse viver. O paraguaio de cabelos vermelhos não entendia o português. Meteu dois dedos da canhota no nariz do velho e correu-lhe o ferro na garganta “de viagem inteira”.

Enquanto Cardoso narra a cena, flash back e takes entre Cardoso, Othon e a encenação vão-se desenvolvendo num ritmo muito rápido com flash back de 2 a 3 segundo, apresentando movimentos incompletos da ação (só de ida).

Em Contra-plano de Othon e Cardoso com a câmera no horizonte (chão), em Primeiro Plano, nas pernas e barriga dos cavalos com as botas e esporas dos cavaleiros cutucando a barriga dos animais.

Os excursionistas, montados, vão passando em fila indiana pela câmera em Plano Geral em Primeiro Campo de Profundidade e em segundo campo, de costas Cardoso segurando os animais, e em terceiro campo Othon e a cruz do tumulo. Planos e Contra-planos da seqüência anterior com Othon e Cardoso em terceiro campo de profundidade.

Seqüência 9.20/Barbaquá/Degola/Dia/Ext.

Close de Cardoso tirando um lenço do bolso enxugando os olhos meios chorosos e fala.

Cardoso:

Vamo, vamo seu Othon!. segui vida!

Fade Out

Cena 9.21/ Acampamento/Recado De Morte/Céu Estrelado/Studio.

Plano de Conjunto do céu, lindo, estrelado.

PG de Othon que levanta no escuro, às 6 da madrugada, com estrelas a luzirem e reluzirem no céu. O céu está lindo, estrelado com lua minguante (em forma de chifre, como aquelas das Arábia) planetas em seu brilho fixo, cometas e estrelas cadentes riscam o céu. A câmera em Contre-plongée para o céu, em Doll shot enquadra, de costas, Othon e Cid Gonzaga olhando para o espetáculo celestial. Cid diz:

Cid Gonzaga:

Um céu lindo desse e daqui a pouco arroz e feijão com charque! É de enervar o caboclo!

Othon:

É verdade! O grosso da bóia é sempre arroz, feijão e charque!

Cid:

Pois eu não agüento mais. Vou fazer uma ameaça de morte ao João Pinto. Ou ele

muda o cardápio ou será jurado de morte!

Othon se vira e olha assustado para trás e para os lados, leva a mão à boca e começa a cochichar no ouvido do Cid. Ambos saem do enquadramento que está em Plano de Tronco.

Na mesma seqüência entra no enquadramento somente em Plano de Busto, João Pinto, que estava dormindo próximo à fogueira, levanta e, sentado, se espreguiça e olha ao redor. Em seguida levanta e fica no mesmo enquadramento de Othon e Cid!

Câmera passa para Plano Geral e PAN segue João Pinto indo a uma arvore pegar as panelas que estão penduradas nos galhos para iniciar a bóia.

Ao remexer as panelas ele da falta da faca.

Na fogueira, num pau sobre duas forquilhas esta suspensa a chaleira que começa a chiar e a tampa a sambar festivamente com a força do vapor da água fervente.

Esta cena marca o início do movimento no acampamento com diversas passagens.

O movimento no acampamento começa e todos vão se ajeitando, sentando em caixotes e tocos para beberem o chimarrão matinal. Formam, naturalmente, uma roda em frente de uma árvore a esperar pelo almoço que João Pinto esta preparando.

João Pinto:
Alguém viu a faca?

JB:
Com uma cara meio fechada aponta para a árvore onde todos estão em roda tomando chimarrão e mudos todos olham para João Pinto que olha para a árvore em cujo tronco está cravada a faca, espetando um papel com o seguinte recado...

João P:
Mas o que é isso?

JB:
Um recado para você JP!

João P:
Puxa a faca com o papel e olha o recado ou o papel por diversos lados!
Algum pode ler para mim?

JP estende o papel para o Cid Gonzaga ao seu lado que pega o papel e troca olhares com Othon, denunciando o comparsa e lê o recado:

Inserte de cartão do bilhete de Morte

“ JOÃO PINTO – OU VOCÊ ALTERA O MENU OU MORRE! “

JP:
Seu doutor, o que é menu?

JB:

Menu, João Pinto, é o cardápio, é a comida que você serve aqui!

JP:

Quer dizer que se eu não mudar a comida vão me matar!

É isso?

Câmera PP de cabeça em PAN de João Pinto vai falando e girando a cabeça como se estivesse olhando e falando com todos. Todos balançam a cabeça afirmativamente. Câmeras em Primeiro Plano (Close up) da ponta da faca e do olho de João Pinto que, mudo, dá uma olhada em todos.

Plano Médio de Cid com o papel, Close, na mão que é arrancado rapidamente por João Pinto bravo. JP olha para a mão esquerda com o papel, demonstrando ódio, Close do rosto, amassa o papel e joga no fogo, olhando para todos novamente, PAN em Close de todos assustados, e diz:

JP:

Pena que eu não sei lê! Senão vocês iam vê só!

Câmera em Close up dos rostos e Plano e Contra-planos do olhar bravo de João Pinto. Câmera abre um pouco para Primeiro Plano do Rosto e JP aproxima a faca do rosto e fala apontando e balançando a faca para todos conforme, a cadência da fala com a mão.

JP:

Ia te hoje de comida picadinho pra ocês come! Um picadinho de gente bem gostoso!

Nisso se ouve um tiro ao lado do acampamento, no mato, e todos se viram assustados para o local do som do tiro e sacam seus revólveres:.

Em Plano Geral, do mato sai um cachorro pastor alemão que pára e logo atrás entra em campo um tropeiro correntino com uma espingarda na mão direita com um perdigão grande. Na mão esquerda umas cinco pinhas de pinhão e fala mostrando, levantando, um braço de cada vez:

Tropeiro Correntino:

Nem anta nem capivara: Vamo comê perdigão e sapeca de pinhão?

O Correntino fala em guarany e se da conta que ninguém entende nada. Então repete então a frase em português:

Todos se olham com as armas em punhos e ao mesmo tempo levantam as armas para o céu e disparam diversos tiros, gritando, - viva! Viva!

JP pega uns pratos de ágata que sobre o caixote, com colheres de estanhos e copos de alumínio, em uma abandeja e num golpe só joga para cima e sai do quadro de costas bravo.

Plano de Médio do Tropeiro correntino com os braços levantados exibindo as pinhas e o Perdigão com cara de espanto, sem entender nada?

Plano e Contra-plano da cena final.

Corta

Cena 9.30/Brasilidade/Acampamento/Céu Estrelado/Estudio

Madrugada e todos dormindo, silencio total dos homens. A fauna é uma orquestra sinfônica, com sons diversos, em terceiro campo, que não atrapalha o sono de ninguém.

Cardoso em PG cutucando alguém para acordar. Sem falar nada ele gesticula com o braço chamando para fora da barraca. Othon levanta ainda no escuro, as 5 da madrugada. Sai da barraca e olha para o céu aonde tem um espetáculo celestial. Entende o chamado de Cardoso que também está admirando o céu. Ambos ficam ali parados sem falar nada.

O céu está lindo, bem estrelado com a lua no quarto minguante, quase nova. Estrelas cadentes, meteoros e cometas riscam o céu, longitudinal e repetidamente sem cerimônia, lindo espetáculo.

O acampamento está sediado em cima de uma campina em um morrinho em destaque no horizonte com as barracas a refletirem o fogo e uma fina linha de fumaça riscando o céu.

Plano Geral das barracas com o céu estrelado. Como nos cartões de natal.

A câmera em Contre-plongée em Othon, Plano de Busto, com Profundidade de Campo para o céu. Othon gira para olhar todo o céu. A Câmera subjetiva gira voltada para o céu.

Maravilhado. Othon em pé olhando o céu, próximo á fogueira só de brasas senta junto ao João Pinto que lhe serve uma cuia de chimarrão.

A Câmera em Plongée enquadra ambos. Othon e João Pinto junto à luz das brasas como um céu estrelado no chão.

Close de Othon chupando a bomba do chimarrão, sem barulho.

P.Composição de um lindo nascer do sol.

Othon olha para o horizonte e declama para JP:

O sol se desdobra por sobre a Campina como um grande céu impalpável de oiro.

Sob a luz, que excita os insetos, aquece as borboletas catassoladas e faz abrir corolas túmidas! De amor.

Imagens de flores desabrochando, das riquezas da flora e fauna, dos insetos. Closes de diversos insetos da região do alto Uruguai. Cenas diversas de imagens e de sons de bandos de pássaros e bando de papagaios numa grande revoada da aurora verde.

PG de dois tropeiros carregando sobre o ombro o caule de pinheiro comprido e fino como um mastro e soltando em frente às barracas no chão.

Plano Médio de um tropeiro puxando o facão e começa a podar os galhos do caule, livrando o fino pinheiro dos galhos e ramos do tronco.

A câmera faz um Doll shot seguindo o facão cortando os galhos até extremidade ou ponta do pinheiro, enquadrando toda a extensão do pinheiro, em segundo campo de profundidade, os excursionistas, todos em pé frente às barracas, tomando chimarrão e olhando os tropeiros golpearem com os facões, o pinheiro.

Othon, entrega à cuia aos companheiros e vem na direção dos tropeiros (câmera) que esta na ponta mais afastada do pinheiro, carregando na mão um pano dobrado. Agacha-se e vira de costas para a câmera. Ainda de costas, e na ponta da driça sobre o chão, começa a pregar algo com um martelo, repetindo os golpes até acabar. A câmera não enquadra o que Othon esta pregando. Só enquadra os golpes das marteladas, o pinheiro em sua extensão, excursionistas e barracas.

Os excursionistas que estão no quadro com Othon de costas para a câmera, em Grande Plano se dirigem para a ponta do pinheiro mais próxima a eles. Othon se levanta e também se dirige para a outra ponta do pinheiro até ficarem em Primeiro Plano.

CORTA

A câmera enquadra em Plano Geral dos excursionistas se juntando e erguendo, em um esforço conjunto, o pinheiro ao céu, sem enquadrar a ponta que se eleva.

A câmera em PG enquadra todos em torno do mastro já na vertical com os excursionistas ao redor.

Todos olham para o alto, em busca da ponta do pinheiro no céu.

A câmera em Plano Médio no meio do mastro com os excursionistas olhando para cima, faz uma PAN vertical abrindo o ZOOM na proporção em que vai subindo no mastro em direção a sua ponta onde esta afixada, drapejando com o vento no céu anil, a bandeira brasileira.

Em fusão com a bandeira do Brasil drapejando, os excursionistas puxam suas armas para o céu e disparam salvas de tiros intercalando com gritos e salva de tiros, repetidamente:

- Viva o Brasil!!!!!!!!!!!!!!

Aparece um letreiro com a data:

“Comemoração do dia do descobrimento do Brasil”

"3 de maio de 1929”.

Ainda em fusão começam a aparecer takes de 3 ou 4 segundos da fauna e flora do Brasil. Inserir por uns 30 ou 40 segundos todo o esplendor da vida selvagem com aves cantando, a diversidade das espécies, o som das águas em suas corredeiras. O volume vai aumentando.

Em fusão com a fauna e a flora, os excursionistas ainda junto ao mastro com a bandeira, com texto em off de Othon, vai-se desenrolando a seqüência da cena:

Texto em off de Othon:

Cercava-nos a majestade da paisagem bravia, a floresta brasileira, com todo o

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

seu esplendor e os seus mistérios!

Os rumores da sua germinação, o perfume das suas flores e a sapiidez estranha dos seus frutos!

Os gritos estridentes bárbaros dos seus pássaros e o murmúrio humano e doce das suas águas!

Como é vasto e desconhecido este nosso querido Brasil.

Batizamos águas novas com a designação de: -Lajeado do Saci, - Ribeirão da Bracatinga e sempre com uma nobre preocupação?

Estamos no Brasil e o vocabulário brasileiro é farto e expressivo.

E o manancial luso-guarani inesgotável e belo, como nenhum outro!

Nada de designações arrepassadas, que o caboclo não pode pronunciar e nada significam.

E o que descrever do homem brasileiro

Mas hoje é “3 de maio de 1929” comemoramos o descobrimento do Brasil!

Nossa Pátria merece um único adjetivo: MAGNIFICA!

Takes ao por do sol, contraluz, em Plano Geral do mastro com a bandeira drapejando e os Excursionistas montando nos seus cavalos para seguir viagem. Takes de Plano diversos dos excursionistas montando seus cavalos para seguirem viagem.

Othon em Off com imagens:

A picada tornou-se novamente um inferno verde. Atravessamos túneis longos de taquaras, que de repente estreitavam, dobravam-se, envolviam grandes silvas e amoreiras ou sarças de espinhos rijos e recurvos.

Por vezes, fios ásperos, de folhas afiadas, nos roçavam o rosto, cortando-nos a pele, arrancando-nos violentamente o chapéu; ou se enroscavam nos estribos, enleivavam-se nas patas do animal que tropicava, planchavam-se, obrigando-nos a ter as rédeas seguras e firmes, para não cair.

Por todas as bandas, de resto, fechavam-se os ramos e as folhagens, espalhando uma penumbra fria e da cor das podridões.

Até aqui tem sido necessário abrir-se a picada a facão, romper-se o rijo tecido dos taquarais e cortar-se a cordoalha resistente dos cipós.

Vencidas, porém, as jubas verdes do taquaral, tinham as galharias arrepiadas das uvaías que nos fustigam ou as cerca viva desgrenhadas dos espinheiros que nos

dilaceravam os coletes ou as bombachas.

Só o canto de um pássaro ou o grito rouco dos tucanos punham uma nota mais viva à imensa e desconcertante beleza da floresta.

Há mais de duas semanas, desde Florianópolis, que os nossos dias se consomem dentro de vagões férreos; aos solavancos dos automóveis; na trepidação forte das lanchinhas e através de caminhos estreitos e ínvios, arriscando a vida a todo o momento, aos trancos fundos e curtos das mulas!

Agora é a hora melhor desta nossa vida – a que passamos no acampamento!

Cena 9.31/Acampamento/Estúdio/Noite

As barracas sendo montadas, com João Pinto ao centro do acampamento, acendendo o fogo, com Othon de cócoras, pensativos observando as labaredas de fogo que começam a queimar a madeira.

Othon em off com imagens da fogueira:

Uns minutos a mais e somente o crepitar da fogueira que ficou acesa, riscará de rumores a solidão verde da floresta.

Enquanto a noite desce de novo sobre esta paragem e, daquela chama doirada restar apenas uma brasa que lentamente se apaga sob a cinza, o tigre voltará, então, a reinar dentro da treva, absoluto, sanguinário e egoísta como homem.

Fade out nas brasas e aparece um letreiro.

“ Separação ”

Cena 9.40/Separação/Cemitério/Coluna Prestes

Cavaleiros saindo de uma picada em Plano Geral e param em um pequeno descampado onde há um cercado de ripas de madeira carcomida pelo tempo formando uma área de 16 m².

Dentro do cercado, diversas cruces de madeiras, velhas, algumas sem um dos braços. Pedras empilhadas relevam a cova. Os cavaleiros vão chegando e, pouco a pouco, fazem uma roda em redor do pequeno cemitério onde repousam soldados da Coluna Legalista, do Exército Brasileiro, que morreram em combate com a Coluna Prestes, neste local.

Os excursionistas vão desmontam, lentamente, cansados, dos seus corcéis. Alguns descansam em cima dos animais mesmos. Nessa parada Zeca Maia começa a contar um fato que ocorreu com ele, ali, naquele local.

Zeca Maia:

Estamos chegando em Separação.

Arthur Costa:

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

Ao longo da picada, também aqui, em Separação, um cercado rude assinalando o sono infinito. Quanta desgraça nessa picada!

Zeca Maia:

Aqui tem muita desgraça mesmo. Quase que eu fiquei aí, com os meus soldados, dormindo o sono infinito.

Eu e meus soldados, vínhamos perseguindo a Coluna Prestes desde Mondai. Éramos a vanguarda da Coluna Claudino que vinha do Rio Grande do Sul. Nós alcançamos a Coluna Prestes por aqui e houve um entrevero, um tiroteio brabo com a Coluna Prestes. Foi uma luta épica, violenta. Ali a Coluna Preste fez as trincheiras, em forma de meia lua com as pontas para o norte,

JB:

Coronel Zeca Maia, onde mesmo o local da trincheira, que não estou vendo?

Zeca Maia:

Ali no mato, Desembargador, onde está aquele tronco de pinheiro deitado!

Ficamos aqui quase um dia todo de tiroteio. Morreram uns 10 soldados da Coluna Legalista do General Claudino nesse entrevero com a Coluna Prestes. De madrugada a coluna Prestes se bandeou!

De manhã, não tinha mais ninguém aqui da Coluna Prestes. Reuni a tropa e retomamos a perseguição. Avançamos o dia todo sem resistência!

Já de noite, quando íamos montar acampamento, novo tiroteio.

O tiroteio será reproduzido somente com os canos fumegando e cuspidando fogo no escuro, conforme descrição da cena

Zeca mais em off com imagens:

Pelejamos noite e madrugada adentro. Era bala e estanho para tudo que é lado no escuro. Não se via nada, só cano fumegando, cuspidando fogo.

Morreram uns 30 soldados do nosso exército. Ao amanhecer, com a luz, descobrimos que estávamos pelejando com a coluna do General Paim Filho, também legalista que vinha do Norte, para emboscar a Coluna Prestes aqui no picadão do telegrafo.

corta

JB:

E a Coluna Prestes estava onde nessa hora da emboscada?

Zeca Maia:

Aqui ela se separou e enveredou para a Argentina.

Deixaram uma pequena retaguarda que atrasou a nossa Coluna, do General Claudino, pois nos vínhamos do Sul para fechar o cerco com a Coluna do General Paim Filho, que vinha do Norte. Enquanto aqui nós se matávamos entre nós, a Coluna Prestes estava um dia à nossa frente, em Barracão, cruzando o Rio Pepery-Guaçu, já na Argentina.

A coluna Prestes, nessa travessia, perdeu uns 900 cavalos. Pegou a peste, o tifo e foi morrendo tudo.

A Coluna Prestes abandonou os cavalos pela picada e eles foram morrendo mato adentro em busca de água. Com sede, os cavalos foram em direção ao Rio das Antas, onde morriam e contaminavam com o tifo o rio abaixo até Mondaí.

Zeca mais em off com imagens:

Daí começou a morrer gente com a água contaminada do rio, que nem os cavalos. Morreu 90 por cento da população de Mondaí.

Vocês nem imaginam a mortandade que foi essa peste!

Em Mondaí só sobreviveram os alemães que tinham emigrado depois do fim da (1ª) Grande Guerra Mundial.

Esses foram vacinados lá na Alemanha e sobreviveram; o resto morreu tudo. Não sei como Mondaí não se acabou. Essa região ficou amaldiçoada na boca do povo por muitos anos. Ninguém vinha para cá, nem pra morrer. Foi uma tristeza só!

JB:

Senhores, 1 minuto de silêncio a esses bravos soldados brasileiros, e vamos seguir viagem, que estamos chegando em Dionísio Cerqueira e Barracão, vencendo a nossa bandeira nesse sertão agreste.

Este caso fez bem até para os animais. Descansarem! andemos.

Fade out

leiteiro com imagens

Caminhamos no regaço bravio da floresta, através de pinheiros altos e redondos como torres tão grosso que dois homens não os abraçam; e dos torsos hercúleos e rugosos das imbuías, de copas largas e vastas.

Fade in

Cena 9.41/Separação/Cavaleiros/Dia/Ext.

Imagens de passagem espaço temporal dos cavaleiros seguindo viagem e Othon falando em off:

“Vorá, Campina, Lageado Liso, surgem-me na memória com imensas doçuras”.

Fizemos umas sete léguas e estamos distantes de Barracão umas duas léguas, não mais.

Foi um recorde, a picada mostrou-se menos hostil. Estamos chegando em Dionísio Cerqueira, divisa, no extremo Oeste com “Argentina”, e, no extremo norte com o “Paraná”.

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

CENA 9.7.2 - DIONISIO CERQUEIRA

Cena 9.72/Dionísio Cerqueira/Barracão/Baracon²/dia/ext.

Câmera na grua em Plano Médio bem no alto enquadrando uma torre de uma Igreja com um sino em PP que começa a tocar com a chegada dos cavaleiros e moradores, todos, na frente da casa, ou da igreja sem padre, em Barracão.

² Nota ao leitor: Dionísio Cerqueira é uma cidade em Santa Catarina separando por uma rua está Barracão, no Estado do Paraná. A divisa entre o Brasil e Argentina e estas cidades é demarcado pelo córrego natural Pepery-Guaçu. Na Argentina, a cidade de Bernardo de Irogoyen, chamam de Barracón. As três cidades formam a tríplice fronteira devido à proximidade entre ambas.

A câmera vai abrindo para um Grande Plano e câmera em PAN Vertical desce do alto da torre, do sino repicando, para nivelar-se com os cavaleiros que vão chegando em frente à casa de dois andares, em madeira, com sótão. Um grande barracão.

corta

Cena 9.73/Dionísio Cerqueira/Casa/Quarto/Janela/Dia/Int.

Othon entra na casa seguindo pelo cicerone que o aloja no sótão da casa.

Othon escrevendo suas notas sobre a mesa junto à janela com visão das 3 cidades (algumas casas todas de madeira). (Dionísio Cerqueira –Barracão –Barracón) Foto back projection

Othon em off com imagens:

Fiquei alojado no sótão dessa casa que serve de depósito para erva-mate e tem, nos rés do chão, um balcão manchado de sangue humano.

Othon em off com imagens da janela (fotos da viagem):

Através da janela, como uma grande moldura, vejo uma terra íngreme, com filas de árvores e casas cinzentas, onde tremulam bandeiras argentinas. Um galo canta, perto, talvez na sombra quieta de algum quintal; e um ou outro foguete ainda estoura no ar.

Mas, longínquas e tênues, andam vozes em castelhano de crianças brincando.

Depois um sino tange lento e regular.

E as vozes desaparecem no ar luminoso e azul.

Maracanãs piam ao fundo. Mais cavaleiro vejo chegando pela minha janela.

Resolvo sair a rua.

corta

Seqüência 9.73.1/Dionísio Cerqueira/Rua/Dia/Ext.

Othon caminhando pela Rua onde os moradores todos só falam o castelhano e,

Othon pensando em off:

Senti hoje, pela primeira vez, a emoção enternecida de ver a bandeira estrangeira. Nunca me pareceu tão bela e tão cara ao meu coração.

Estamos no Brasil mas o ambiente é absolutamente Argentino, pela ordem, pela organização política e administrativa e sobretudo pela ESCUELA 49!

Juiz de Paz, Jefe de los Resguardo, professores, comissário de policia e até os severos policiais de grandes bigodes e espadagão à cinta, tudo isso vem de

Buenos Aires ou das províncias a “servicio da Frontera” e, portanto, a serviço da Nação Argentina e dos brasileiros confinados.

Mantendo, assim, na sua banda, “esse estado de prazer político” de que nos fala Platão.

Os argentinos submetem e absorvem as populações brasileiras impondo o espanhol, força-os as dependências humilhantes do asilo, da proteção legal.

Eu vi uma certidão de nascimento de uma criança brasileira que foi registrado na Argentina e uma escritura de venda de um imóvel situada no Brasil e lavrada, estampilhada, em Barracón!

Eu sei, também, de brasileiros que estão servindo no exército argentino!

Mas tudo isso por que?

Pelo abandono, pelo impatriótico desdém, pelo anacrônico sectarismo que fazem os nossos homens públicos, se babarem diante da bojuda humanidade, dando de ombros ao Brasil.

Inserte de takes de casas dispersas com bandeiras argentinas e algumas brasileiras drapejando nas casas em diversos pontos. planos diversos de Othon preparando um cigarro de palha e caminhando por Barracão, cumprimentando as pessoas que respondem em castelhano:

Barracaences:
Buenas tardes Senhor!

Seqüência 9.73.2/Dionísio Cerqueira/Ponte/Dia/Ext.

A caminhada é curta e já esta na divisa entre Brasil e Argentina, na ponte do Rio Pepery-Guaçu, onde os corrimãos estão enfeitados de bandeirinhas argentinas e brasileiras.

Othon pára no meio da ponte, como se estivesse em um mirante, acende seu cigarro e gira em 180°, câmara subjetiva, olhando o Brasil e Argentina onde enquadra crianças em terceiro campo de profundidade. Esta tocando a música Tango-tango de um país, de Astor Piazzola em um rádio próximo, não se vê só se escuta bem suave com os ruídos da transmissão AM.

Seqüência 9.73.3/Dionísio Cerqueira/Ponte/Dia/Ext.

Crianças de uniformes em azul e branco, das cores da Argentina, em cena dirigem-se e param no meio da ponte para tocar com as mãos as bandeirinhas:

Othon:
Acham bela a bandeira brasileira?

Crianças:

Si, mas não é de seda como a Argentina.

Criança de cabelos pretos:

Eles não conhecem a bandeira do Brasil

Eu conheço, tenho uma aqui!

A câmera em Plano Médio acompanha a criança de cabelos pretos (descendente de índio guarany) com o dedo indicando o coração, onde há um broche, que ele usa da bandeira do Brasil.

Othon:

Mui belo! Quem te deu isso?

Menino de cabelos pretos:

Um soldado da Coluna do PRESTES.

Ele tinha uma porção de bandeirinhas.

As crianças saem correndo e a “Criança de Cabelos Pretos” sai caminhando, e olha para trás e despede-se acenando com a mão para Othon, que fica sozinho sobre a ponte e câmera enquadra homens com animais em direção a ponte.

Othon olha, câmera subjetiva, para as bandeirolas que se agitam ao vento num rumor contínuo com os homens em terceiro campo de profundidade:

Insere de áudio com o volume crescente da musica Tango-tango de um país, de Astor Piazzola.

PP das duas bandeiras a farfalhar. PG de homens a cavalo com lenços brancos ao pescoço e largos sombreros com barbicachos seguidos por um velho com cargueiros de burros que cruzam por Othon imóvel, na ponte.

Câmera subjetiva de Othon: Vê adiante a torre de uma igreja na Argentina com o relógio marcando 12 horas.

Close de Othon puxando o relógio de bolso.

PP de Othon olhando o relógio que também tem o mesmo horário da Argentina e enfiando o relógio no bolso

corta

Othon levanta a cabeça e vê um homem sair de uma casa ou bar próximo e vem na direção da ponte, com uma chaleira e cuia de chimarrão e se apresenta:

Cônsul Muller:

Bom dia Senhor, Eu sou o Cônsul Muller do Brasil, em Corrientes, na Argentina...Muito prazer e seja bem vindo à divisa entre Brasil e Argentina, marco natural do Rio Peperi-guaçu.

O Cônsul Müller enche a cuia de chimarrão e descansa a chaleira de ferro, pesada, sobre o corrimão da ponte entre as bandeirinhas e toma a primeira cuia enquanto Othon fala.

Othon:

Muito prazer, Sr Cônsul. Eu sou Othon D' Eça, de Florianópolis, representante do Governo Catarinense. Estou aqui a olhar esse córrego de água como o grande marco natural das nossas fronteiras.

Não pode haver maior paradoxo do que a linha divisória entre o Brasil e a Argentina pelo riachinho Peperi-Guaçu.

Claro que Dionísio Cerqueira, Barracão e Barracón são uma só e única povoação cortada por um fiapo de água tão estreito que a língua de um cão, bebendo, toca na outra margem, o lado argentino.

Cônsul chupa com o chiado, anunciando o término da falação de Othon. É a replica do cônsul agora, conforme a seqüência do chimarrão.

Cônsul Müller:

Sr. Othon, vou lhe contar um episódio que presenciei aqui mesmo!

O Cônsul, pausadamente, pega a chaleira e enche a cuia de chimarrão com água e passa para Othon que a aceita naturalmente, como velhos amigos de chimarrão.

(CONT'D)

Um malfeitor qualquer - homicida ou um correntino ladrão de cavalo que pretendia fugir(...),

Corta para cena conforme descrição

Seqüência 9.73.4/Barranca Rio Peperi-Guaçu/Ladrão Correntino /Dia/Ext.

(CONT'D)

(...) foi laçado numa perna só por um daqueles policiais de brim cinzento e espadagão à cinta com grande bigode. O malfeitor, robusto e ágil, conseguiu arrastar o baixote policial até aqui no Rio Peperi-Guaçu e num pulo fincou-se à margem brasileira, agarrando-se às touceiras de mato bravo.

Vieram outros policiais argentinos.

Mas o malfeitor se prendeu na terra como as raízes das imbuias. E era inútil toda a força que puxava o homem, retesando o laço como corda de violão.

Insere de áudio de uma nota só de uma corda de violão.

Os policiais poderiam cutucar o preso com os espadagões ou, mesmo, curvar-se um pouco e agarrar o homem, ou ainda, pular um momento na outra margem e agarrá-lo.

Porém, aquela margem era o Brasil e não podiam violar o território brasileiro. Sem largar a corda, sentaram-se.

Nisso, de uma casa brasileira, de Barracão, sai um sujeito correndo com uma faca na mão e à vista dos policiais, atônitos e desapontados, o sujeito dá um golpe com a faca e corta a corda.(...).

Corta para cônsul

Seqüência 9.73.5/Ponte Rio Peperi-Guaçu/Escuela 49/Dia/Ext.

Plano Geral de Muller e em Terceiro Campo do Plano Composição, a “Escuela 49” com as crianças saindo da aula, na Argentina.

Cônsul Müller (CONT'D) (O.S.)

(...) como Alexandre diante do nó górdio. Era, talvez, a mão lavando a outra mão, sem a ordem da civilização!

É a desordem da nossa nação...

Insere de áudio e takes de Othon fazendo barulho ao acabar a água na cuia conforme a tradição, bem forte, para o compadre escutar e providenciar água para a próxima cuia. Othon então devolve a cuia e o Cônsul volta a enchê-la, ajeita a bomba e a bebericar, sem pressa, o chimarrão para escutar Othon.

Othon:

Aliás, falando em desordem, aqui tudo está por fazer: não há autoridades policiais, juízes de Paz, cartório. Não há nada no lado brasileiro, nem escola!

Cônsul Müller:

Veja as crianças saindo da Escuela 49. Uma ótima escola Argentina. Mas as crianças são todas brasileiras e irão cruzar a ponte!

Assista usted a um exame que vou fazer em nossas crianças brasileiras:

Insere de takes do vai e vem do chimarrão em sincronismo. Quem chupa escuta. Plano e Contra-plano.

As crianças se aglomeram para apreciar com as mãos as bandeirinhas e fitas que estão decorando a ponte. Cônsul as cumprimenta e lança uma pergunta:

Cônsul

Meninos, quais os grandes vultos da história de nossa Pátria?

Crianças

San Martin, Sarmiento, Rivadavia, Miter...

Cônsul:

Entre todas as bandeiras, qual a mais bela e a mais gloriosa?

Crianças

A Argentina, o sagrado pavilhão da minha Pátria!

Cônsul

Sabes os nomes de algumas vitórias do Exército argentinos?

Crianças

Itusaingó, Monte-Caseros, Tuyuty

Cônsul

Gracias Ticos, Muchas Gracias e bons estudos.

Crianças

Que bandeirinha é essa? ao lado da nossa!

Cônsul

Essa bandeira é a do Brasil...

Essa é a bandeira e pátria de vocês...

Crianças

Posso pegar uma do Brasil para min?

Cônsul

Amanhã! Amanhã vocês podem pegar e guardar todas elas! Gracias ticos e até amañas, gracias.

Criança

No Brasil é sempre assim, amanhã, sempre o amanhã que nunca chega? Que nunca chega! Vocês só sabem dizer isso! amanha!

As crianças saem correndo e gritando, em castelhano e português, misturando as vozes e em coro descompassado:

Amaña, amanha, amaña que nunca chega no Brasil, amanha, amanhã!

Cônsul

Para quê o comentário? Basta o doloroso registro.

Othon faz novamente a cuia chiar por falta de água passa a cuia para o Cônsul que pega a chaleira e constata!

Cônsul

Acabou nossa água! Já é meio dia passado, e convido o amigo para almoçar comigo na casa de comércio do Sírio Junes, ótimo restaurante. Sua esposa, Argentina cozinha muito bem. A casa é aquela, onde me sirvo com o chimarrão.

Um Plano Geral por traz de Othon e do Cônsul com a casa em segundo plano bem próxima

Othon

Realmente ver essas crianças dói muito meu coração. Ver os brasileiros sendo argentinizados!

Barracão não tem padre nem igreja. Veja Cônsul! Estou alojado em um sótão onde tem uma torre com sino. Mas no chão há um balcão manchado de sangue humano. Lá, de jeito nenhum é uma Igreja?

O Cônsul apanha a chaleira de ferro e ambos começam a caminhar em direção ao Restaurante do Sr. Junes.

Cônsul Muller

Essa casa onde estás é da viúva Cabral. A viúva está escondida em Barracón devido ao banditismo e impunidade aqui no Brasil. Esse é o capítulo mais doloroso da história de Barracão. Mataram o marido num dia; no outro o restante da família!

A viúva viu os cadáveres, riscados à bala entrarem em sua casa, trazidos pelos matadores!

Depois mataram, um a um, os genros. O ultimo morreu num baile aos olhos de toda a gente. É dele o sangue que ainda mancha o balcão da casa onde estás alojado!

Seqüência 9.73.6/Restaurante Junes/Dia/Ext/Int.

Chegam ao comércio do Junes, abrem a porta e adentram sendo recebidos pelo comerciante atrás do balcão que esta atendendo o Branquelo. Sobre o balcão, cinco caixas de munição calibre 44, um rolo de fumo e três rosário cristãos de cor azul. O Junes olha para o individuo e pergunta?

Junes:

Para quem é o Rosário?

Branquelo:

É para minha mãeisita querida (responde em castelhano).

Junes:

Mas ela precisa de três rosários?

Branquelo:

Si, ela é devotada aos muertos!

Todos os 3 se entreolham como se já entendessem para o que são as balas e os rosários. O Branquelo paga com dinheiro brasileiro. O Sírío sempre falando o português.

As apresentações são feitas e interrompendo a conversa. Sentam-se à mesa, em uma janela com a vista da cidade faroeste, à espera de servir a comida.

Insert de Foto de Dionísio Cerqueira há época -back projection.

Junes, em seguida chega com dois copinhos de cachaça e serve os dois. Othon, intrigado, pergunta?

Othon:

Sr. Junes, gostaria de lhe fazer uma pergunta?

Junes:

Pode fazer?

Othon:

O senhor não fala o castelhano?

Close de cabeça

Closeup dos dentes de ouro

Com um largo sorriso no rosto reluzindo uma fileira interminável de enormes dentes de ouro responde:

Junes:

A mulher e os filhos gostam mais do português.

Othon:

Mas o senhor é Sírio, casado com uma Argentina, mora na Argentina tem filhos argentinos e falam o português!

Mas que diabo, os brasileiros aqui falam Argentinos e os Argentinos gostam de falar brasileiro? Não entendo mais nada Cônsul.

Com outro largo sorriso reluzindo os dentes de ouro: Close de cabeça

Junes:

Se for só isso senhores, vou providenciar a comida!

Cônsul:

Gracias Junes

E se retira em direção ao balcão

Othon

Mas Sr. Cônsul! Voltando ao capítulo mais doloroso da história de Barracão?

Cônsul

Há sim! Depois do último genro assassinado na frente de todos, durante o baile, só sobrou um filho de 20 anos, que a viúva com o seu último desespero no coração de mãe, escondeu no exílio.

A viúva perdeu seus campos, ervais, gados, casas, tudo estão nas mãos dos assassinos rancorosos e solertes.

A viúva e o filho estão em miséria na terra estrangeira, escondidos em Barracón em lugar incerto, com receio de que os assassinos dos Laras venham correr o

ferro no pescoço do seu rapaz adormecido.

A visita a tríplice fronteira, à viúva Cabral e partida de Barracón, Desenvolver.

Seqüência 9.8.0/Picadão/Cavalgada/Dia/Ext.

Voltamos aos animais agora em direção a civilização. Começa agora o retorno da nossa viagem. Novamente no picadão, as cruces da família do Cabral estão espaçadas ao longo do picadão, todos mortos em emboscadas covardes pelos Laras.

Eu começo a decifrar as diferenças entre o homem do litoral e o oestino.

Othon em off:

São profundas as diferenças entre oestino e o litorâneo? Ou Ilhéu e o Serrano! Cantando, então, separam-se de vez e ficam tão distantes um do outro como se fossem antípodas na vida.

Tanto os versos como a toada que os embala, espelham a alma boa, embora bravia, do nosso patrício de terras-a-dentro.

Mas faltam neles a vibração amorosa do ilhéu e aquela vaga saudade sem nome e sem cor, que lhe põe um som de pranto em cada rima.

É verdade que as condições de vida do ilhéu e do seu irmão do planalto são diversas, como diversas são as influências formadoras da alma de cada um.

Entre a própria casucha ilhoa e o rancho serrano há uma diferença de séculos.

Na ilha, o pescador, mesmo o rude amanhador da terra, planta em torno de sua casa folhagens e roseiras.

Há sempre um canteiro com dalias ou rosas de todo o ano e, no peitoril de uma janela, besuntada de azul, uma velha lata com manjerição.

Na serra, numa lomba de coxilha ou na costa de um capão, um lidador bravio constrói a sua morada sem uma flor, sem um ornamento, apenas cercada pela mangueira de rachões de pinho, onde terneiros balem sobre o chão escuro e revoltado.

Quase não se ouvem pássaros a cantar, num silêncio esbraseado do meio dia, o resinoso chiar desesperado das cigarras.

Só a curicaca ou chopins, nas manhãs de chuva ou quando o sol desperta as gentes para as fainas de todo-o-dia sarjam o silêncio do descampado, juntando uma nota mais viva ao doloroso e humilde mugido dos bois.

A vida, assim, para o serrano, corre áspera, sem sonhos, rasgando-lhe aos olhos a desolação de uma realidade muito crua.

Seqüência 9.8.1/Encenação Do Contraste No Amor/Dia/Studio/Int.

Mesmo o amor, manancial de ternura que não farta, sente-o de outra forma, através de um boleio violento do seu pingo.

O ilhéu, para conquistar a mulher amada, entrevista numa noite de novena ou numa tarde de procissão - canta de olhos postos na lua ou escondido entre os cafeeiros.

O Serrano, mais agreste, mais aventureiro, talvez mais sanguíneo, disputa-lhe o coração a golpes de proezas e a disparos de garrucha.

Um suplica o beijo de joelhos, humilde diante da mulher como de um altar; o outro exige-o todo pachola, sorrindo, o largo ponche para os ombros, confiado na sua sedução de forte.

E quando a desdita amorosa os punge: o ilhei soluça, resignado e triste; o serrano lamenta o seu destino, a pensar, de vesto, na desforra que há de tirar, a estanho, ao rival vitorioso.

Não sei se, com estas qualidades, o serrano é superior ao ilhéu.

O que posso afirmar, no entanto, com os ouvidos no coração, é que ele não comove a ninguém...

Para o inserte do texto do contraste entre Ilhéu e do Serrano, de Othon, em off, uma grande cavalgada pelo picadão indicando os lugarejos em que os excursionistas estão passando com letreiros ou legenda, obtendo uma grande passagem temporal e espacial. Entre a cavalgada e os encontro com as cruzes e túmulos da família Cabral, o texto é interrompido para desenlace do banditismo dos Laras. A ganância. Logo em seguida volta à cavalgada e o texto em off das diferenças entre o litorâneo e o oestino. Acho que o texto deveria ser quebrado e exposto, em partes, ao longo do filme e mais ao final.

Também na parte do texto em que Othon, em off, fala do contrastes de expressar o amor entre o litorâneo e oestino, cabe uma encenação a lá Carlitos, de Charlie Chaplin, em 12 quadros por segundo, encenação explícita com dois atores e conforme texto, do amor do Serrano e do Ilhéu, realçando bem as diferenças de expressarem o amor.

Mas vamos seguir viagem com imagens em fusão com:

Seqüência 9.8.2/Picadão/Cavalgando/Dia/Ext.

Cartão com Letreiro ou legenda

A montaria durou 18 dias e avança, em média, 6 léguas ou 20 km por dia.

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

CENA 10 - CAVALGADA NO PICADÃO

Cena 10/Pato Branco/Cavalgando/Estrada Estreita/Dia/Ext.

Das fusões das seqüências 9.8.0 e 9.8.2 fazemos Plano Seqüência para os cavaleiros troteando de frente para a câmara.

Close de Othon olhando o relógio de bolso, com mostrador de data.

- 17 horas e meia - 13/05/29

Os excursionistas em trote já em uma estrada, estreita, chegando em Pato Branco.

Em voz ritmada, balançando a cabeça no ritmo do trote do burro:

Othon em off

Atingimos o limite do nosso cansaço.

Estamos chegando, meu deus, que epopéia, agora, de volta a civilização,

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

conseguimos, estamos em Pato Branco!
Conseguimos! São e salvos! Conseguimos todos, são e salvos! Que alegria!
Chegamos a modernidade, à civilização, à vida!

Plano Médio de Othon falando aos demais que não querem escutá-lo ou não entendem o que eles está falando:

Os excursionistas em trote lento, mostrando a exaustão dos animais, chegam à rua com os casarões de madeira, dois andares, em ambos lados da rua em parêla, e vão entrando na cidade deserta. Só as casas. Alguns populares passam correndo a pé, no sentido em que vão os excursionistas, adiantando-se, para recepção no Hotel Oliveira.

Alguns foguetes ao longo pipocam para avisar a chegada à população. De três a cinco estampidos...

Os Excursionistas desfilam pela rua central em direção ao Hotel Oliveira ao som das ferraduras dos cavalos em primeiro campo de áudio. Câmera segue os cavaleiros em Plano Médio, em galope, com as casas nas laterais entrando uma esquina.

uiuiuiruriuriuriuriuriuriuriuri, um barulho estranho, e todos em Plano Geral, olham para a rua transversal.

Primeiro Plano de Tronco com os rostos abrindo um grande sorriso, takes diversos.

O barulho aumenta e são vários repetidamente ao mesmo tempo, abafando o som das ferraduras e também vão diminuindo o trote, quase parando:

uiuiuirrrruirrrrriuriuriuriuriuriur

Seqüência 10.1/Pato Branco/Hotel/Dia/Ext.

Câmera enquadra a esquina vazia entrando em quadro 6 automóveis e uma jardineira, buzinando intermitentemente, parando na frente do Hotel Oliveira, coincidindo a chegada dos excursionistas.

Insere em Plano Geral de takes rápidos de populares apreçados, correndo, vestindo o paletó, outros correndo, mancando, calçando um pé do sapato, outros saindo de dentro de casa as pressas, todos em direção ao Hotel para a recepção dos excursionistas no Hotel.

Os excursionistas dão os passos finais sobre os animais e param entre os autos e hotel. Desmontam dos animais. São recepcionados por uns 50 populares.

Grande movimentação dos peões transferindo as bagagens para os automóveis enquanto os excursionistas e os populares vão se aglomerando em frente ao Hotel entre animais, os automóveis e movimentação.

Plano Geral de uma porta se abrindo com um homem saindo as pressas, com um tripé com câmara fotográfica ao ombro, fechando a porta com chave, as pressas. Câmera ai abrindo para Plano Geral onde aparece a fachada com a placa de loja photographica

GS, fotografo sai do enquadramento, corta.

Hotel Oliveira movimentação geral e todos vão se posicionando para a grande foto.

Câmera subjetiva passa para view finder da câmera fotográfica, com todos de cabeça para baixo, alguns segundos com a movimentação para o preenchimento do quadro.

Corta

Plano Geral por trás do fotografo, com os excursionistas e o hotel ao fundo posicionando-se, quando o fotografo descobre a cabeça com o pano preto da maquina fotográfica.

Uma seqüência de imagens congelando, como fotos sendo tiradas em movimento, da movimentação geral e partida dos excursionistas, abraços e apertos de mãos, despedindo, embarcando nos automóveis, e partindo.

GRANDE HOTEL DE PATO BRANCO. Fade in

Cena 11/Estrada/Automóveis/Dia/Ext.

Othon embarcado já ao balanço do automóvel pega o lápis e o bloquinho para uma anotação e pensa:

Othon:

Vou deixar minhas notas para Clevelândia, para o sossego de um quarto de hotel, com lumes civilizados e, em torno, o zumbido da colméia humana.

Sêqüência 11.1/Estrada/Automóveis/Fazenda Fartura/Dia/Ext.

Cenas diversas dos autos na estrada passando e entram em uma estrada lateral, passando por um do portal, Plano Geral, com as inscrições “FAZENDA FARTURA”.

Os autos seguem até a sede, na casa do Sr. Coelho, um homem moreno que embrulha o alemão e venera o monge João Maria.

Seqüência 11.2/Fazenda Fartura/Dia/Ext/Int.

Feitos os cumprimentos fomos convidados à sala da casa pelo Sr. Coelho.

Ao adentrar na casa, O Desembargador José Boiteux parou diante de um quadro.

JB:

Sr. Coelho, gostaria de fazer uma troca com o Senhor.

Gostaria de deixar ao amigo o Santo São José litografado em Leipzig, para o Senhor, sua família e vizinhos.

Atende inúmeras preces e protege-nos de futuras desgraças. Mas, em troca, peço que o Senhor ceda o retrato desse monge descalço.

Sr. Coelho:

Sr. JB, Esse retrato é do Monge João Maria, que lutou na guerra do Contestados. Nós daqui adoramos o Monge João Maria. Homem simples, boa reza, benzia nós, milagreiro, curou muita gente que já estava internadô no purgatório. Muita gente passa aqui deixa uma reza pro nosso Monge João Maria. Mas acredito que o senhor está precisando muito dele para resolver enfermidades.

Como negar um pedido de alguém em dificuldade.
Como negar um presente de um amigo.
Mas, depois, o Senhor me envia de volta o João Maria?

JB:
Muito fico encarecido. Vou buscar o São José para vos mecê!

Seqüência 11.3/Fazenda Fartura/Dia/Ext/Int.

E todos voltam para frente da casa onde o fotógrafo esta preparando a máquina para tirar um chapa. O fotógrafo, coberto pelo pano preto, atrás da máquina, com os braços, maneja os figurantes (câmera) para o enquadramento, pela mira.

A câmera subjetiva do fotógrafo vendo a view finder da maquina fotográfica.

A câmera vê o Sr. Coelho cochichando com a mão na boca e junto à orelha do Presidente AK. Que sorri, fazendo um sinal com a mão para o fotógrafo esperar.

Em Plano Geral, o Sr, Coelho corre para dentro da casa e reaparece com as suas roupas de cancha (vaqueiro), um enorme lenço vermelho ao pescoço e a gaita de fole debaixo do braço.

Fotógrafo:
Mais para a direita! mais pra trás! mais pra lá! Arrumem seus chapéus, senhores.
Não se mexam, fiquem parados por 15 segundos, não se movam!

“A t e n ç ã o“

No momento em que o fotógrafo recomendou a clássica “atenção”, o Sr. Coelho dobrou levemente a perna direita, dependurou os olhos numa ponta do céu, começou a tocar uma querumana e disse ao Presidente:

Coelho:
Presidente, é pra depois sair tocando no retrato.

O Desembargador sai na fotografia já com o quadro do Monge.

Os excursionistas se despedem, embarcam nos automóveis, e abanam com as mãos pela janela. Os automóveis partem pela estrada. Na porta da casa, com a família, seu Coelho abana, despedindo-se.

Seqüência 11.4/Estrada/Automóveis/Fazenda Fartura/Dia/Ext/Studio.

Embarquei com o Desembargador no mesmo automóvel: e fui perguntar-lhe o porquê da troca:

Othon:

Desembargador, não entendi por que o senhor trocou um São José litografado em Leipzig, pelo retrato do monge João Maria.

JB:

Vou lhe dizer por que meu caro Othon.

Assim o Sr. Coelho e a sua família tornam-se filhos de Deus, católicos.

Esquecem um Monge fanfarrão, de pés descalços. Um Monge que inspirou o José Maria, a reencarnação na imaginação de todos e que desagregou a ordem do povo com o Estado, resultando em fanatismo, messianismo, a Guerra do Contestado. Se deixar esse retrato aí é capaz de aparecer outro José Maria III, que se dizia ser a reencarnação e começar tudo de novo.

O melhor remédio é a precaução. Basta de fanatismo e de guerras santas. A família católica, a propriedade e o Estado são o caminho da sociedade, do progresso, do desenvolvimento, da civilização dos animais.

Corta

Seqüência 11.5/Fazenda Fartura/Dia/Ext/Int.

Para a porta da casa com o Sr. Coelho, de costa em Terceiro Plano os automóveis ao fundo, distantes.

Terminando de abanar. Espera um pouco olhando para o horizonte. Vira-se para a sala e entrar.

corta

Sala da Casa, Sr. Coelho virando-se, adentrando na sala, passa pela câmara, cruza outra porta, câmara enquadra porta vazia, barulho remexendo objetos e gavetas, Coelho volta pela porta com algo na mão.

Coelho:

Não sei o que essa gente quer com João Maria. Eles nunca foram povo dele. Todos que passam por aqui querem levar meu Monge. Mas eu não sou trouxa, sem meu João Maria eu não fico. Pensou que eu vou te abandonar e ficar entregue a qualquer sorte? De jeito nenhum!

Dá um beijo no novo retrato de João Maria que trouxe do quarto e ajeita retrato do monge sobre seu altar com um sorriso de sabichão. Vira bruscamente, olhando para trás e diz, com cara de sério e bravo, a Maria!

Coelho:

Maria pega esse santo aí de papel, São José, e dê cabo dele!

Só se ouve a voz de Maria lá no outro cômodo:

Maria (O S)

Ta loco, Coelho! Pois eu sô a esposa dele.

Meu pai me deu o nome de Maria por causa do São José. Além do mais, ele é pai de Jesus sem tocá na virgem Maria.

Você quer desgraça pouco pra nós tudo, inclusive pro João Maria.

Coelho, ainda de costa, solta o porta-retrato e vai até a porta da frente com um ar pensativo, revirando os olhos e coçando a cabeça.

Olhando para o horizonte, seguindo com os olhos os automóveis na estrada responde:

Coelho:

Então deixa o São José aí, num canto, que depois eu ajeito ele!

Coça a cabeça

Você tem razão, deve ser pecado dar cabo do pobre santo.

A câmera, por trás de Coelho, parado na porta da casa, olhando o horizonte (câmera subjetiva) vendo uma pequena nuvem de poeira que os autos levantam no horizonte

Corta

Seqüência 11.6/Estrada/Automóveis/Fazenda Fartura/Dia/Studio.

Os automóveis passando pela frente da câmera com o Plano todo aberto, passa 1 passa 2, passa 3, passa 4, passa 5, em fila indiana.

Seqüência 11.7/Estrada/Automóveis/Dia/Ext/Studio.

A Câmera dentro do carro, posicionada no banco de trás, ou atrás do auto, filmando passageiros, por trás do banco de trás e motorista na frente, de costas, dirigindo, passando pelo pára-brisa com o Plano no horizonte; de repente, no céu azul, no horizonte, vários riscos branco se elevando até as alturas, no céu.

JB:

Presidente, o que lhe parece lá no horizonte riscando o céu.

Presidente

Acho que são fogos de artifício. Estamos chegando então em Clevelândia. Uma boa estrada adianta a viagem significativamente.

Nem parece que viajamos tantos quilômetros. É! Já chegamos Clevelândia.

Alguns segundos e chega o som dos estampidos de foguetórios.

Os automóveis avançam e o foguetório começa a pipocar. Câmera em panorâmica vertical, do alto vem descendo em Plano Geral com a comunidade de Clevelândia, o Prefeito e demais autoridades, perfilados num corredor, esperam os excursionistas em frente ao Hotel Oliveira. Soltando foguete. A câmera em panorâmica horizontal gira em 90 graus e enquadra os calhambeques adentrando a única rua da cidade e, não muito longe, na rua, o hotel.

Seqüência 11.8/Clevelândia/Automóveis/Dia/Ext.

Em Plano Geral, não muito longe, os automóveis em movimento chegam no hotel. A câmera subjetiva passa para a posição do motorista, focando a rua e as pessoas em recepção, perfilados num corredor, pela única rua da cidade, com os foguetes ou estampidos riscando, pára-brisa, o céu do meio dia e pipocando.

Câmera Plano e Contra Plano nos diálogos dentro do carro:

JB

O que Vossa Excelência acha, seguimos viagem ou pousamos em Clevelândia, Presidente?

Presidente

Vamos conhecer o nosso vizinho do Paraná. Vamos viver a civilidade.

Wenceslaus:

Decisão acertada, Presidente. Clevelândia é muito hospitaleira.

Othon em off pensando:

Que bela notícia. Um hotel, uma cama, um bom banho relaxante para espantar a poeira.

Assim poderei procurar um barbeiro, fazer essa barba e cortar os meus cabelos. Já estava me sentindo um selvagem.

Ah! Melhor que isso será depois, não farei absolutamente nada, exceto uma coisa, ingressar no regime solene dos banquetes e das dispepsias.

Ah! Aquelas iguarias aristocráticas que enchiam duas laudas de cardápio, por certo exerceram um prestígio transcendente no espírito de quem veio do mato e do feijão plebeu.

Presidente

O que você acha, Othon?

Othon

Desculpe, mas sobre o quê, Presidente?

Presidente

Pernoitar em Clevelândia ou seguimos viagem?

Othon

Presidente, por mim almoçamos e depois do almoço seguimos viagem. Estou com muita saudade do mar, da água salgada, da maresia, de uma tainha frita, estamos em maio, época da tainha Presidente.

Um peixinho.

corta

Seqüência 11.9/Clevelândia/Automóveis/Dia/Ext.

Os automóveis focam a comitiva recepcionista em frente ao hotel, esperando os excursionistas. Os automóveis vão parando. Os clevelandenses se aproximam saúdam com os seus chapéus as mãos, abrindo cordialmente as portas dos automóveis para cumprimentar os excursionistas.

O tiroteio de foguete é intenso. Arcos de folhagens, guirlandas, bandeirinhas de papel colocadas em barbantes, esticados sobre a rua, a entrada com portal e demais para enobrecer a solenidade.

Seqüência 11.10/Clevelândia/Automóveis/Dia/Ext.

Câmera pega o povo se abraçando, cumprimentando:

Prefeito Esteves:

Senhores, atenção, atenção senhores! Convidamos o Excelentíssimo Presidente de Santa Catarina e sua comitiva para almoçarem e pernoitarem com os clevelandenses.

Simultaneamente começa a movimentação de desembarque adentrando no hotel, uns carregando as bagagens, fila para entrar na recepção do hotel, muita gente ainda do lado de fora, todos misturados, excursionistas e clevelandenses, todos muito empolgados, brigando para carregarem as bagagens.

Seqüência 11.11/Clevelândia/Hotel/Restaurante/Dia/Ext/Int.

Filmagens em Sobrexposição, de gente entrando, malas sendo carregadas e passando por cima das pessoas, gente subindo escadas, descendo, outros tomando banho, se vestindo, tirando roupas, engraxando sapato, cozinheiras cozinhando, Wenceslau sentado no trono sanitário lendo o jornal, Othon se enxugando, enfim toda a movimentação possível em diversas Sobrexposição de todas e das mesmas imagens no hotel com os personagens chegando no restaurante do hotel, aguardando a chegada do Presidente com o Prefeito para sentarem-se à mesa principal, quando vão diminuindo as Sobrexposição, conforme eles vão comendo, bebendo, brindando, tudo em 12,14,16,18 até 24 quadros por segundo, quando a câmera chega no Prefeito, este se levanta, câmera acompanha, Travelling Vertical até altura dos olhos do Prefeito, panorâmica de 180° para os convidados nas outras mesas. Corta para Plano Geral com o Prefeito, em pé, com a faca bate no copo, pedindo atenção, olhando para todos e finaliza olhando no Presidente e pede a palavra para discursar.

Olhando para o Presidente, todos em silêncio, ele começa o seu discurso:

Prefeito Esteves:

Excelentíssimo Presidente do Estado de Santa Catarina, Sr. Dr. Adolpho Konder Senhor Desembargador José Boateux, Senhor Chefe de Polícia de Estado, Arthur Ferreira da Costa, Sr. Deputado e Prefeito Passos Maia, Deputado Cid Gonzaga, Juiz de Direito Selistre de Campos, jovem Othon D'Eça e demais autoridades catarinenses e paranaenses presentes:

Senhores, a viagem ao oeste catarinense expande-se para além das nossas fronteiras e atinge o Brasil, que, através dela, incorporou a sua fortuna territorial, uma rica e vasta zona que dia a dia se decompunha e se desnacionalizava fundamentalmente.

Agora o Brasil está com sua integridade territorial garantida para sempre.

Fade out do volume do discurso vai diminuindo com os cumprimentos, abraços, gente se levantando e todos conversando, outros saindo com velocidade de 12 ou 14 quadros por segundos

Seqüência 11.12/Clevelândia/Hotel/Restaurante/Dia/Int.

Com a movimentação no restaurante e com efeito especial na câmera, o salão vai gradativamente esvaziando em 12 ou 14 quadros por segundo um a um em câmera rápida, salão vai ficando vazio, as garçonetes, 4 ou 5 mulheres, rapidamente tiram os pratos, trocam as toalhas e o salão de refeições vira uma sala de despacho. Fica no salão o Presidente, fumando um cigarro com piteira, senta-se, do lado de

lá da mesa (como na escrivadinha) e o Prefeito do lado de cá. A câmera em Travelling sai da sala e enquadra com PAN de 90° um número de pessoas na sala de recepção querendo falar com o Presidente, todos agendando audiência com o Othon, que atende um por um e vai anotando nome e horário no caderninho de bolso.

corta

Seqüência 11.13/Clevelândia/Hotel/Dia/Ext.

O excursionista e Juiz de Direito da Comarca de Chapecó Dr. Antonio Selistre de Campos está sentado na calçada da frente, ao lado da porta da recepção, pegando sol, lendo jornal com notícias do Paraná, quando chega em frente ao hotel um grupo de caboclos coroados (cocar) procurando o Presidente.

Uns caboclos maltrapilhos, com camisas de botão carcomido pelo sol e pelo uso, um grupo de índios, de cabelos duros, lisos e negros e unhas crescida. Há também mulheres (índias) com fios de contas sujas no pescoço; e uns piazzino (indiozinho) de olhar vivo, que pasmam mudos e desconfiados, com arcos e flexas em punhos, ao redor dos monstros negros, em frente ao hotel, os automóveis.

O hoteleiro vem à porta e já vai falando:

Hoteleiro:

O que vocês querem? Cachaça não tem.

Já disse que não quero vocês aqui!

Cacique:

Nois qué falá com o Presidente de Santa Catarina. Tamo percurando o home?

Selistre de Campos, sentado na cadeira na larga o jornal, levanta-se e vai bem na frente do Índio, faz um sinal para o hoteleiro com a mão direita de pare, de espera e diz ao cacique:

Selistre:

O que vocês querem com o Presidente de Santa Catharina?

Cacique:

Nois somo de Chapecó Grande.Temo esse documento aqui ôôôô.

Nós qué falá com o home. O chefe dos brancos!

Selistre:

Posso ver o papel?

Cacique:

Oia!

O cacique, de mãos ásperas e rudez, de unhas grandes, como garra, dedos pesado mostra o papel manchado com a cor de um esfregão, pela sujeira, entre os dedos e palmas calejadas, entregando o papel, um ofício do Ministério da Agricultura.

Selistre de Campos lê o papel carcomido pelo tempo.E diz para o cacique, gesticulando com a mão:

Selistre:

Espera aqui, Cacique

Selistre com o ofício, entra no Hotel na porta fala com Othon.

Selistre:

Othon, por favor diga ao Presidente que tem uma delegação de índios querendo falar com ele.

Um Cacique Catarinense quer ver o Presidente!

Othon balança a cabeça afirmativamente e Selistre volta para fora do hotel e fala para o Índio:

Selistre:

Vocês vão ter que esperar!

Cacique:

Nóis espera

Enquanto Selistre entrava no hotel, câmera corta para os indiozinhos que pasmavam mudos e desconfiados, de olhar vivo (caçador) a contornarem com lanças, arcos e flexas em punho na posição de ataque, ao redor dos grandes bichos pretos que estão ali imóveis em frente ao hotel. Plano e Contra planos dos indiozinhos, nos olhos, no automóvel, em Travelling ao redor de ambos.

Othon:

Selistre mande seus amigos entrarem.

Othon interrompe a caça dos indiozinhos. Os indiozinhos olham para Othon e avançam em direção da câmera. Othon pede ao Selistre que faça a delegação dos índios entrar. Enquanto os índios, Cacique e Selistre adentram pela porta, pela sala de recepção até a sala de refeição, Othon dá umas olhadas no Selistre como um árbitro a condená-lo.

Seqüência 11.14/Clevelândia/Hotel/Restaurante/Dia/Int.

Câmera em Contre-plongée no Othon e Plongée no Selistre de Campos, enquanto caminham em direção ao Presidente à narração de Othon:

Othon em off

Agora você se entregou companheiro Selistre. Aqueles artigos nos jornais de Chapecó em defesa dos índios com as iniciais ASC, que na capital ninguém sabe quem é?

Agora sabemos que é você o ASC (Antonio Selistre de Campos). Como Juiz tens a obrigação de defende-los, mas ficar escrevendo artigos toda a semana nos jornais em defesa deles, não lhe fica bem.

Mas o bandido sempre volta ao local do crime e hoje você se entregou direitinho. Enquadrei-te. Juiz de Direito da Comarca de Chapecó Dr. Antonio Selistre de Campos, o vulgo escritor ASC.

Com a entrada da comitiva na sala, o Presidente se levanta e todos ficam em pé. Os índios e o Cacique de cocar abaixam a cabeça para cumprimentar. O Presidente retribui com o mesmo gesto. O Cacique passa o ofício para o Presidente que desdobra o papel, lendo enquanto o Cacique fala:

Cacique : Nóis já procuremo o Presidente em Xanxerê. chegemo tarde lá. Ocês já tinham ido. Mas nóis tamo morando aqui. Expulso da nossa terra pelo

home branco de lá!

Selistre

Presidente, nem todos eles falam o português. Eles são, como nós, catarinenses mas se refugiando aqui no Paraná.

Cacique: Nós tem esse papel aí mas!

Selistre

Esse documento é do Ministério da Agricultura declarando uma reserva indígena no Chapecó Grande com mais de cem milhões de metros quadrados de terras opulentas e ferazes. Tiveram de fugir pra cá por causa dos brancos.

Cacique: É Barbárie!da!de, é barbárie!dade, é barbárie!é barbárie!dade. Os brasileiro qué nós extraviá por esse mundo afora a estanho! À bala! É Barbárie!da! de, é barbárie!da!de, é barbárie!.é barbárie!da!de.

Selistre

Presidente, Trata-se de uma velha questão de terras que Santa Catarina herdou pelo acordo com o Paraná.

Quando as terras ainda estavam sendo contestadas entre os dois estados, no início do século, em 1905. O Paraná concedeu o grande Chapecó para os Índios e depois vendeu partes delas a antigos posseiros. Agora esse entrevero entre índios e posseiros é da jurisdição Catarinense.

Cacique:

Nós não sai da terra. Atropela nós a estanho, nós atropela brasileiro a estanho, a flexas, a lança, a morte de todos nós!

Selistre:

Senhor Presidente, há tempos os índios trucidaram, entre uivos e danças, um agrimensor que andava a medir umas glebas de terras no Chapecó Grande. Houve um grande alarido nas malocas. Os posseiros se reuniram para atacar os índios. Os índios chamaram os índios do Rio Grande do Sul. O negócio ficou preto. O Coronel Passos Maia, foi quem conseguiu apaziguar a todos, como sempre.

Presidente:

Quantos índios vocês são? pergunta ao Cacique.

Cacique:

Nóis semo duzentos!

Presidente:

Desembargador. O que me sugere para desembargar essa grande questão que temos aqui diante de nós!

Não podemos deixar as coisas como estão, ocorrerá morte.

Dês. JB

Presidente, Dê ao homem o que é do homem (ver em latim como fica essa frase).

Presidente

É isso mesmo, dê ao homem o que é do homem. Vamos reconhecer, promover e garantir a posse dos índios em suas terras, criando uma escola pública nas suas terras. A escola irá se chamar José de Anchieta. Peça ao Othon para redigir um decreto imediatamente, já!

Com a Escola, o Estado demonstrará à população da região que os índios estão amparados pela Força Pública do Estado em suas terras. Além de promover o desenvolvimento dessa comunidade. Assim, os posseiros e colonizadores irão pensar duas vezes antes de invadirem ou desrespeitarem os índios. Providencie a distribuição para os índios de ferramentas agrícolas para os mesmo produzirem em suas terras. Telegrafe solicitando que a Força Pública venha buscar aqui em Clevelândia e dê proteção aos índios quando chegarem em Chapecó Grande.

Cacique

Vamo vortâ pra aldeia, Chapecó Grande Não temo nada a fazer aqui. Vamos embora pra nossa aldeia. Nossa terra.

O cacique e sua delegação inclinam as cabeças para baixo, paralisando por alguns segundos os cocares de penas, imóveis, em reverência, num gesto de agradecimento ao Presidente. E vão andando de costas e se retirando. Othon acompanha-os e, já na calçada, pergunta ao Cacique:

Seqüência 11.15/Clevelândia/Hotel/Dia/Ext.

Othon

Então, Cacique, está satisfeito?

Cacique

Estou-se!

Respondendo num sorriso satisfeito. Quase bestial, mostrando umas gengivas roxas e sem dentes. Enquanto os índios, a pés vão indo embora em Plano Geral:

Othon em off

“Pobre Alencar! Pobre Alencar! Como são esses índios bugres diferentes dos teus Peris e das tuas Iracemas que descrevestes”.

Fade out –

Cena 12/Hotel/Estrada/Automóvel/Acidente/Dia/Ext.

Cena toda narrada com os personagens atuando sem fala e 16 quadros por segundo,(discutir);

Dia, manhã, em frente ao hotel, garoando os automóveis estacionados. Somente um Motorista em frente

ao seu automóvel, com a manivela girando o motor do automóvel para ligar. Os passageiros já estão no interior deste automóvel, Zeca Maia sentado à frente, ao lado do motorista, Selistre Campos e Othon no banco de trás. Othon com as suas anotações, a escrever no seu bloquinho com um lápis bem pontudo. Após ligar o motor o motorista embarca no automóvel e começa a manobrar, o veículo com marcha à ré, quando para e enquadra Othon à janela do auto. O auto arranca para frente e a câmera em PAN acompanha em Plano Médio o automóvel seguindo pela estrada com a sucessão de seqüências a seguir:

Othon Em off:

Mais estradas. Às vezes atravessamos uma povoação minúscula, onde há um rumor vago de bigorna e, à porta de uma venda com anúncios de gasolina, descansam enormes carretas puxadas a oito ou nove cavalos, de toldos côncavos e amplos como tendas.

E fica-nos na lembrança apenas o vulto de uma carinha suja de uma criança que espia o automóvel pelo rasgão no pano da carreta.

Seqüência 12.1/Hotel/Estrada/Automovel/Acidente/Dia/Ext.

Garoando, nublado, Plano Geral dos demais automóveis manobrando e partem sozinho da frente do Hotel Oliveira, em Clevelândia, no caminho de Othon.

corta

Imagens com a câmera em Primeiro Plano de Othon escrevendo no banco de trás do automóvel:

Othon em off:

O Automóvel do Presidente ficou para partir depois. Estamos na a estrada São João – Barracão – em Horizonte. Chamam esta estrada de “ESTRATÉGIA”.

Eu, José Maia e o Selistre Campos viajamos no auto do Sr. Manoel Ribas, fazendeiro abastado e cavalheiro de discreta cortesia.

Atravessamos uma bela região de campos, ora no Paraná, ora em Santa Catarina, nessa linha divisória que parece traçada no espaço.

Lembrei-me de Barracão:

- A linha da fronteira passa bem pelo meio da cama do Agente Fiscal. E uma dúvida, por certo! Andaram lhe zumbindo a cabeça, como uma vespa:

- Meu filho será catarinense ou paranaense?

Desenvolver o encontro lá em Barracão conforme marcação

Seqüência 12.2/Estrada/Automovel/Acidente/Dia/Ext.

As cenas aqui vão se intercalando entre a atuação dos companheiros de viagem; e a descrição; de Othon:

Há um lugarejo:

- creio que Santa Maria – onde o marco da fronteira foi batido à porta de uma vendola, num terreno de barro escuro.

inserir imagens da vendola e marco

O Presidente, José Boiteux, Arthur da Costa e Coronel Ozório, do batalhão de

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

engenharia que está a rasgar a estrada ficaram para trás, um pouco antes de Papuan, a ver umas obras de arte em construção.

Enquanto isso, eu, José Maia e Selistre Campos, que viajamos no auto do Sr. Manoel Ribas corremos para o acampamento do Demóstenes, a tomar um café bem quentinho, que fazia um frio de constipar guaiepas.

O acampamento é no alto, embaixo se vê a estrada. A estrada ali, se curva nas extremidades como um grande S deitado.

Plano e Contra-plano da chaleira conforme descrição da seqüência

A chaleira começa a ferver, a ranger, a tampa começa a se assanhar.

No lado leste da estrada, um caminhão em alta velocidade, tampa da chaleira frigindo.

Todos olhando para a outra ponta da estrada, no oeste, aonde o automóvel do Presidente aponta na direção do caminhão.

Close da tampa da chaleira sambando cada vez mais rápida.

José Maia leva as mãos entre a boca e grita para o motorista do caminhão.

Zeca Maia

Devagaaaarrrrr que vem autos !

Plano Geral dos automóveis que se aproximam na mesma direção e na mesma mão, na direita da estrada.

De longe, abrem os sons de glaxons, buzinas!

Nisso olhamos novamente, aflito, à esquerda, o automóvel do Presidente, direita, o caminhão, auto, caminhão e inesperadamente, num segundo, de súbito, envergam, retorcem-se ambos! Surge uma grande nuvem branca de vapor! Tudo para, fica estático.

O estupor nos imobiliza, galvaniza-nos os nervos. Ficamos com a respiração retida no ar! E um ruído tremendo com uma cortina de vapor, sacode a solidão da estrada, afoga, esconde os veículos!

Corremos todos, fundidos, desaparecidos aqueles segundo de estupefação e de terror, para os autos. Sacos e caixotes jazem pelo chão, a esmo, cuspidos pela violência do choque. Sem pára-choques, pára-lamas, radiadores partidos, esmagados, os dois autos ainda fumegavam. Em torno, um mundo de vozes e de rumores vão crescendo .

Fusão de imagens e sons

Imagens diversas de diferentes operadores de telégrafos sobrepondo-se uns sobre os outros ao som do código Morse (bib, bip), divulgando as últimas informações (notícias) do acidente com o Presidente do Estado de Santa Catarina.

CENA 13 – PRAÇA XV

Cena 13/Capital/Praça Xv/Padre/Jornaleiro/Ext.

O menino jornaleiro Marinho vendendo jornal aos berros em frente a igreja matriz ao termino da missa com o Padre a frente dos fiéis.

Menino jornaleiro
Extra! Extra! Extra!
Acidente automobilístico mata Presidente de Santa Catarina!
Extra! Extra!
Acidente automobilístico com Presidente na serra do Papuan, em São João.

Padre
Marinho, me de jornal!

Menino jornaleiro:
Benção Padre, são dois reis!

O Padre estende a mão para o menino beija-la, dando a benção, despejando as moedas e pegando o jornal. Um aglomerado de pessoas em volta do menino jornalista. O Padre começa a ler o Jornal ali mesmo, no aglomerado, e começa a comentar.

Padre

Mas que abuso, que falta de respeito, ganhar dinheiro com as desgraças dos outros

Menino Jornaleiro.

Extra! Extra! Extra!

Acidente automobilístico mata Presidente de Santa Catarina!

Mas Padre!, to vendo bastante, essa já é o segundo fardo de jornal que vendo!

Virou pecado vender jornal Padre?

Padre:

Mas que abuso, que falta de ética, é lastimável!

Estás a enganares as pessoas, estás blasfemando Marinho!

Menino jornalista:

Ta locô Padre, eu só to ajudando minha mãe! Esqueceu Padre que quem manda é o dono do jornal! Já recebi sua benção! E outra coisa Padre!

Eu nem sei ler pra pecar, Padre!.

O jornalista se afasta do Padre que ainda esta lendo o jornal resmungando imóvel.

Menino jornalista (com cara de maroto)

Extra, Extra, Extra, acidente automobilístico mata Presidente.

Cena 14/Capital/Salão Amarelo/Deputados

Plano Geral no Salão Amarelo do Palácio Presidencial de Santa Catarina, onde todos os deputados estão reunidos extraordinariamente, com um grande rádio a válvulas para receber as notícias do acidente automobilístico com o Presidente de Santa Catarina. Todos olham para o rádio com esperanças diversas:

Insere de áudio e de imagens de um aparelho receptor de rádio AM, em Close no display onde tem os nomes das estações das rádios do mundo inteiro, com o ponteiro em busca da melhora da sintonia da Rádio Educativa:

em off se escuta o chiado e o locutor da rádio:

Você esta ouvindo em onda médias de 1230 KHz - prefixo ZYC7 - Rádio Educativa/Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, da Escola Politécnica, “levando a cada canto do nosso Brasil um pouco de educação, de ensino e de alegria”. A rádio Educativa oferta os cursos de português, francês, silvicultura, literatura francesa, esperanto, radiotelegrafia e telefonia.

Agora, anunciamos mais um curso para rádio ouvintes:

O curso de Cinema Educativo – uma criação da Comissão de Cinema e Educação do Rio de Janeiro.

- *Ângelo Clemente - roteiro* -

E atenção – o professor e médico Edgard Roquette Pinto informa extraordinariamente para:

“A VANGUARDA DA NOTÍCIA”

Reproduzir a 12 quadros por segundo com a narração do rádio em off. Alternando: estúdio da rádio com um sócia de Roquette Pinto noticiando, salão amarelo e a reprodução do acidente conforme descrição:

Roquette Pinto no estúdio, ao microfone em off:

O Presidente do Estado de Santa Catarina Adolpho Konder sofreu um grave Acidente Automobilístico “retornando da gloriosa viagem empreendida pelo nosso interland brasileiro”.

Seqüência 12.3/Estrada/Automovel/Acidente/Dia/Ext.

Reprodução do acidente (12 quadros) sendo ajudados por José Maia, Othon, Selistre Campos, Clovis Viégas, Demóstenes e demais com narração de radio em off

O desastre que, sem a intervenção divina deveria ter roubado vidas tão queridas ocorreu no lugar “Papuan”, interior de Santa Catarina, no momento em que o carro presidencial fazia uma curva e em sentido contrario vinha também com velocidade um caminhão do 5º Batalhão de Engenharia. O choque foi violento ficando os dois carros completamente danificados. O desastre foi motivado por vir o caminhão fora de “mão” e ter o chofer do automóvel presidencial querido escapar pela esquerda, na mesma ocasião em que o seu collega do caminhão pretendeu obedecer a “mão”.

Conjunctamente com o Exmo. Presidente do Estado vinham no automóvel o Dr. Arthur Costa, chefe de Polícia do Estado de Santa Catarina, que ocupava o assento da frente ao pé do chauffer, o Cel. José Ozório, commandante do 5º Batalhão do Exército Brasileiro e chefe da comissão da construção da estrada que ocupava o centro do assento de traz entre o Dr. Adolpho Konder e o Dezembargador José Boiteux que sentava ao lado esquerdo.

Os “chauffers”; o do automóvel com uma forte pancada na bocca que lhe fez rebentar os lábios e o do caminhão com a perna esquerda torcida e uma fractura no pé.

O Cel. José Ozório recebeu uma pancada na face direita tendo feito uma escoriação na maçã do rosto e ficando com o olho injectado de sangue;

Com os olhos entumecidos (negros de raiva), sangrentos, o coronel Ozório repreendia o soldado e chofer do Chevrolet, que procurava justificar o acidente.

O Dr. Arthur Costa, foi atingido no rosto partindo-se-lhe os óculos, e recebendo vários ferimentos nas tíbias e um choque traumático na perna direita que, quase o impossibilitava de caminhar; sem chapéu e sem os óculos, andava com uma

imensa dificuldade, queixava-se de intensas, profundas dores nas pernas.

O Desembargador José Boiteux, recebeu uma forte pancada na cabeça que o deixou inconsciente. O desembargador Boiteux estava atordoado e ferido com escoriações pelas mãos

Verificou-se então que o Exmo. o Presidente, com sangue escorrendo da orelha, vermelhando no occipital, recebera um golpe na cabeça por traz da orelha direita, algumas escoriações na perna e um choque traumático do lado direito tendo produzindo um inchaço na perna na altura do joelho; Estava inconsciente.

Os feridos fizeram um ligeiro curativo com álcool e prosseguiram em outro carro para o acampamento do 5º Batalhão do Exército onde foram pensados pelo medico do batalhão.”

Seqüência 14.1 /Capital/Salão Amarelo/Deputados

Informou extraordinariamente o doutor Edgar Roquette Pinto para o

“A VANGUARDA DA NOTÍCIA”

ondas médias de 1230 KHz - prefixo ZYC7 - - Rádio Educativa/Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

Todos no salão amarelo após escutarem o radio agradem:

Deputados:

Foi Deus que os salvou! Exclamou todos em sua misericórdia e toda sua doçura!
Corta

CENA 15 – ESTAÇÃO FÉRREA

Cena 15/Estação Férrea/Plataforma/Deputados

Noticia do Jornal “ O Comercio”

Passou na madrugada de quinta para sexta feira última por esta cidade, o eminente Presidente Adolpho Konder, acompanhado dos seus companheiros de comitiva.

S. Excia. veio recolhido á cabine em virtude dos ferimentos recebidos no acidente automobilístico havido no logar Papuan, deixando por isso de baixar á cidade, onde com sua illustre comitiva deveria tomar café em casa do Deputado Cid Gonzaga.

Dentro da noite fria e côncava, tauxeada de lumes, o trem parte e rola, rangendo, enchendo o silêncio de fogos, faíscas, fumaças, vapor e de rumores ásperos....

Cena 16/Trem/Vagão Restaurante/Vagão Presidencial/Noite/Int.

Othon; (em off) Othon sentado no balcão do restaurante do trem escrevendo em seu caderninho. Em seguida levanta e caminha pelo corredor ao vagão especial (leito) onde todos estão reunidos com o Presidente e pensando:

JB

Vimos vários núcleos em pleno desenvolvimento, colméias de abelhas, que impressionam suas conquistas pelo trabalho.

Presidente

A moderna ferrovia que ai está é um sinal de progresso e a expansão da civilização.

Othon

Não gostaria de ser pessimista, mas o caminho sem fim que percorremos nesses dias não me permite ter tanta certeza disso. As histórias que ouvimos dessa gente selváticas e valentões onde ainda prevalecem sobre os corajosos civilizados que por ali se aventuraram. Vimos com nossos olhos que os sinais de civilização ainda são exceção.

Arthur da Costa Ferreira

O Convênio que nosso Governo selou com o Rio Grande vai desencorajar a bandidagem. A tranqüilidade dominará nesses rincões. Não tenho dúvidas que os colonos que estão chegando ensinarão aos sertanejos o seu modo de trabalhar e os bons princípios da civilização.

Presidente

Essa nossa excursão deixou muita gente confiante no progresso de Santa Catarina e do Brasil. As fazendas que visitamos, mesmo isoladas, mostram que a vida ali é com fartura e riqueza. Além disso há erva-mate e o potencial econômico da madeira. Imaginem quantas serrarias mais vão se instalar nas proximidades da ferrovia ou nas margens do Rio Uruguai?

JB:

É isso mesmo que os colonos querem: terra limpa pra plantar. As Colonizadoras primeiro exploram a madeira e depois vender as terras limpas. Eles conhecem a arte desse negócio e sabem muito bem como convencer os colonos a comprá-las. Conhecem bem como os gringos são sedentos por terra para trabalhá-las. Fazem até publicidade para os colonos comprarem suas terras!

Presidente

Os colonos necessitam de estradas, de segurança, de escolas para apreenderem a língua vernácula para se tornem realmente brasileiros. Esses colonos são iludidos pelas Colonizadoras a virem para esse sertão fazer a América, mas na prática são largados em seus lotes e têm que se virar por si sós.

Juiz Antonio Selistre de Campos

Tem sido assim nesses 400 anos de ocupação do sertão brasileiro nas terras de

Deus! como diz o sertanejo! Nesse 400 anos fizeram coisas horripilantes nas terras de Deus. Em nome Deus e poucas vezes pelos filhos das terras de Deus. Pobres índios? Foram dizimados? E o sertanejo? Foi simplesmente varrido dessas bandas na Guerra do Contestado. Essa guerra fez a “limpeza étnica” que as colonizadoras e os colonos queriam. Tirar essa gente das posses. Expulsos legalmente pelo poder publico do seu próprio torrão.

Arthur Ferreira:

Mas essa gente sempre viveu na míngua e além do mais, nesse caso deveria ter também escriturado suas terras.

Juiz Antonio Selistre de Campos

Como os filhos das terras de Deus fariam isso, diante volúpia dos estrangeiros e da brusca invasão que promoveram nos últimos anos na região? Os gringos da estrada de ferro, os europeus, os fazendeiros e coronéis e até os colonos. Esses afortunados e espertalhões agarraram-se na Lei de Terras e com facilidade vão escriturando grandes quantidades de terras.

Arthur Ferreira da Costa

Mas com essa gente rude do sertão não seria possível ter uma sociedade civilizada e voltada para o progresso como todos nós desejamos. Veja quantas atrocidades cometeram!? E quantos relatos ouvimos que ainda fazem?

JB

Confio muito que o trabalho do governo com a segurança a expansão da colonização trará para esse rincão a miraculosa civilização, o que será benéfico a toda essa gente.

Seqüência 16.1/Trem/Composição/Noite/Ext.

Passando em PG em Panorâmica seguindo a passagem da locomotiva e dos vagões até o final da composição com um longo apito de despedida:

CENA 17 - EPILOGO NA PRAÇA XV

Fade Out

Cena 17/Epílogo/Cartão Com Legenda/Final

CARTÃO PRETO - EPÍLOGO

UM ANO E 5 MESES DEPOIS DA VIAGEM DOS EXCURSIONISTAS, EM 03 DE OUTUBRO DE 1930, GETÚLIO VARGAS PROMOVE O GOLPE DE ESTADO - REVOLUÇÃO DE 1930.

SANTA CATARINA RESISTE AO GOLPE, É PENÚLTIMO ESTADO A SE RENDER À REVOLUÇÃO DE VARGAS.

OS EXCURSIONISTAS SÃO TODOS PRESOS E EXILADOS EM 1930, NOVAMENTE, EM 1933, PELA DITADURA VARGAS.

O DITADOR GETÚLIO VARGAS PROMOVE UM GRANDE ISOLAMENTO NA REGIÃO DO OESTE CATARINENSE.

EM 1942 CRIA SOBRE O SOLO CATARINENSE O TERRITÓRIO DO IGUAÇU, DIVIDINDO O ESTADO EM DUAS PARTES, JUSTAMENTE NA REGIÃO EM QUE SE ENCONTRARA COM OS EXCURSIONISTAS, EXTIRPANDO A TÃO SONHADA INTEGRAÇÃO ENTRE OS LITORÂNEOS E OS OESTINOS CATARINENSES.

MAS A VIAGEM DOS EXCURSIONISTAS AOS ESPANHÓIS CONFINANTES TROUXE UMA GRANDE CERTEZA: DE QUE ELES ERAM BRASILEIROS.

A VIAGEM TAMBÉM SEMEIOU UM GRANDE SONHO: DE LUTAR CONTRA O CONFINAMENTO QUE DUROU ATÉ O ANO DE 1952, QUANDO CONSEGUIRAM EXTINGUIR O TERRITÓRIO DO IGUAÇU, E SE REINTEGRAR AO QUE SEMPRE SONHARAM E ERAM. CATARINENSES.

FADE OUT

FIM

<http://www.roteirodecinema.com.br/>

- *Ângelo Clemente - roteiro* -